

OS BRAVOS DA ILHA



A³P – Associação dos Antigos Alunos da Politécnica – UFRJ

29 de junho de 2021

Boletim de divulgação da A³P - nº 192

Dos editores: **PC Pinto** (ENE-62-66) e **Raquel Mattoso** (EE-UFRJ, 2015)

A origem do ensino de engenharia pela Escola Politécnica da UFRJ reporta-se ao ano de 1792, com a fundação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. Em 1810 essa Academia tornou-se Academia Real Militar e, em 1858, passou a ser a Escola Central. Em 1874, a Escola Central foi transformada em Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e em 1920, foi anexada à Universidade do Rio de Janeiro. Tornou-se a Escola Nacional de Engenharia, quando foi criada a Universidade do Brasil, em 1937. Em 1965, junto a mudança do Largo de São Francisco para a Cidade Universitária, passou a se chamar Escola de Engenharia da UFRJ.

Em 2003 sua denominação tornou-se Escola Politécnica. É fácil imaginar que não faltam histórias nesses 229 anos de ensino de engenharia. Entretanto, aqui estamos interessados em um momento particular desse período: a transição do Largo de São Francisco de Paula para a Cidade Universitária – Fundão. A criação da ilha do Fundão - unindo oito ilhas através de aterramento - se deu por projeto do governo do então presidente da república Getúlio Vargas, em 1949. Entre 1949 e 1962, quando aportaram no Fundão os 314 calouros de engenharia foram 13 anos com obras começadas e inacabadas. Na verdade, a Cidade Universitária nunca ficou pronta.

São as “historinhas” da turma pioneira no Fundão que esta edição do Boletim da A³P vai contar, tentando caracterizar a época da mudança, os desafios de professores, funcionários e alunos, a crônica falta de recursos para concluir salas de aula, laboratórios e equipar adequadamente uma Escola, de acordo com o seu nome, já consagrada.

Nesse ambiente de instalações grandiosas não concluídas e de precariedades, os calouros de 1962 foram percorrendo seu caminho e encontrando soluções. Faltava quase tudo, mas sobrava vontade e coragem para enfrentar os obstáculos inicialmente desconhecidos. Havia, então, uma forte determinação que nos fez compreender que estava em nossas mãos

fazer a diferença e abraçar, com vontade, a causa de uma Universidade pública de qualidade e de uma Escola de Engenharia com tradição e com episódios importantes na história do Brasil.

São as “historinhas” da turma pioneira no Fundão que esta edição do Boletim da A³P vai contar, tentando caracterizar a época da mudança, os desafios de professores,

funcionários e alunos, a crônica falta de recursos para concluir salas de aula, laboratórios e equipar adequadamente uma Escola, de acordo com o seu nome, já consagrada. Estas histórias da turma que agora completa quase 60 anos do seu ingresso em 1962 são testemunhos da falta de sustentabilidade das políticas públicas no Brasil, em especial nas universidades.

Se era muito difícil naquela época (1962), agora alunos e professores temem não conseguir concluir seus cursos. São outros tempos, mas os problemas são os mesmos, arrastados e ampliados por inadequadas preocupações ou desinteresse governamental. Dá alegria ter vencido muitos obstáculos. Dá tristeza ver que os antigos problemas ainda se repetem. Eles, sim, são perenes e persistentes. Não conseguimos vencê-los. Por isto, sem prejuízo do que deve ser tratado com toda a seriedade, o Boletim, ao enfatizar a saga de uma turma que beira os seus oitenta anos de vida (uns mais e outros menos), se dedica a trazer essas historinhas que registram, com humor, as dificuldades enfrentadas e o companheirismo construído. Esperamos que esta edição seja do agrado dos sócios da A³P e de outros interessados na nossa Escola, na Engenharia e nos caminhos do Brasil.

“Os Bravos da Ilha” foi o nome dado a um

episódio do “Programa Flávio Cavalcanti”, da extinta TV Tupi, filmado na Ilha do Fundão, em 1963, e motivado pelos estudantes. Mostrava as dificuldades enfrentadas na Cidade Universitária, nas obras da Escola, na quase falta de perspectivas em que se vivia. A história, como sempre, pode ajudar aos atuais atores de nossa realidade a melhor compreender que, embora os problemas sejam antigos, existe algo permanente neste processo: a ameaçadora insustentabilidade.

Então, a luta principal não foi vencida, embora vitórias particulares tenham sido alcançadas. Este Boletim não é somente para comemorar o que foi alcançado, mas é, principalmente, para suscitar reflexões e ressuscitar o espírito de luta que foi o fio condutor de todas as atividades dos então calouros de 1962, pois, sem políticas públicas duradouras e visionárias, sem planos e propostas de médio e longo prazos, sem acompanhamento da sociedade e sem transparência dos atos dos gestores, é impossível alcançar aqueles importantes sonhos coletivos.

O que falta agora, deve ser uma grande preocupação de todos nós, calouros de 1962, e de todas as turmas daí em diante, pois está presente o desejo de lutar por melhores condições para a cultura, a pesquisa e a educação nas universidades públicas nacionais.

A ENE NA ILHA UNIVERSITÁRIA

“Com o primeiro ano na Cidade Universitária, as obras que ainda restam a ser completadas, sê-lo-ão em tempo “recorde”. Já temos verba para isso.”

Mensagem do Diretório Acadêmico da ENE em janeiro de 1962.
Aos calouros de 1962.

Acha-se em fase adiantada de construção o grandioso projeto da Escola Nacional de Engenharia na Ilha Universitária. Sonho de

várias gerações de alunos da ENE, premidos pela falta de espaço e instalações no velho casarão do Largo de

São Francisco, torna-se hoje realidade, e realidade tão concreta que, por determinação do atual Ministro da Educação, Sr. Oliveira Brito, de acordo com entendimentos havidos entre S. Excia., a Diretoria da Escola e o Diretório Acadêmico, o 1º Ano de 1962 (a sua turma, portanto) deverá instalar-se já nos prédios construídos para albergar a nova ENE.

Lá irão encontrar os decididos alunos de Arquitetura que ocupam também um primoroso prédio, em cujo projeto foram conotados e conferidos todos os conhecimentos acerca do bom ensino, moderno e fecundo, a ser transmitido aos alunos da UB. Nossos grandes problemas de instalações inadequadas e adaptadas, que estrangulam o espaço necessário à apreensão fácil e firme das ideias, mobiliário estragado, sanitários não adjetiváveis, turmas enormes em sala única, barulho ensurdecador de bondes e lojas de discos, e outros mais, de estrutura curricular, de número insuficiente de vagas para o desenvolvimento nacional, de falta de espírito universitário, serão e já estão sendo abolidos em sua nova Escola.

Não uma nova Escola - bem entendido - que rompa com a tradição de 150 anos de bem servir ao Brasil, que a ENE traz.

Queremos uma Escola que seja a continuação desta, sem os seus vícios, mas com todas as suas virtudes. É uma nova era a ser inaugurada no ensino de Engenharia no Brasil... um subir... um ir para frente.

Com o primeiro ano na Cidade Universitária, as obras que ainda restam a ser completadas, sê-lo-ão em tempo "recorde". Já temos verba para isso. Teremos assim, talvez ainda em 1962, mas seguramente em 1963, outras turmas mais antigas no Fundão, para se unirem aos que lá já estiverem, no pioneirismo que apenas os beneficiará.

Não citaremos aqui números para não "comprar" os vestibulandos. Basta dizer que, só um dos andares do prédio já construído é em área, tão grande quanto todos os andares da ENE atual. Estão sendo estudados com afinco todos os problemas atinentes ao novo prédio, bem como os por ele suscitados. Alojamento e restaurante já os temos resolvidos. Aulas práticas, salas, tudo equacionado... Condução, também. Só nos resta agora desejar-lhe um bom vestibular, sua brilhante passagem através dele, e que venha a fazer parte conosco desta grande família que é a ENE em seu novo prédio.

MENSAGEM AOS CALOUROS DE 62

Roberto Crivano Machado, Vice-Presidente do Diretório Acadêmico da ENE (61/62) e Coordenador da Comissão de Recepção aos Calouros de 1962.

Texto entregue aos calouros na ocasião.

A Escola Nacional de Engenharia foi criada com o nome de Escola Central na reorganização das escolas militares, datada de 1º de março de 1858. Tem, portanto, 104 anos de existência. Poderíamos, contudo, recuar ainda meio século no tempo para observá-la nos seus pródomos. Em dezembro de 1810, uma carta de lei promulgada por D. João VI

fazia nascer a Academia Real Militar do Rio de Janeiro, a fim de "formar oficiais de artilharia, engenharia, e ainda mesmo oficiais da classe de engenheiros geógrafos e topógrafos, que possam ser útil empregos de dirigir objetos administrativos de minas, caminhos, portos, canais, pontes e calçadas.". A Academia funcionou, provisoriamente, na

Casa do Trem, em cujo local hoje se ergue o Museu Histórico Nacional. Isto, enquanto se faziam as melhorias do prédio do Largo de São Francisco de Paula, destinado primeiramente a albergar a Sé. Só em 1823, a Academia Militar, por Decreto Imperial, permitiu a entrada de civis nos seus cursos. Essa regalia foi mantida nos anos seguintes, quando a Academia sofreu sucessivas reformas, passando mesmo a se chamar Escola Militar da corte, em 1839.



Aula inaugural da ENE no Fundão em março de 1962. Estão na mesa o Ministro da Educação Oliveira Brito, o Reitor Pedro Calmon, os diretores da ENE e da Arquitetura; Rufino Pizzaro e C. Neto.

A grande transformação, anteriormente citada, ocorrida em 1858, embora fundasse e definisse a Escola Central para estudo de assuntos estritamente não militares, ainda a deixou subordinada ao Ministério da Guerra. Seu primeiro diretor foi Ignácio da Cunha Galvão. Somente a Lei nº 2.261, de 24 de maio de 1837, permitiu que a Escola Central fosse totalmente desmilitarizada e transformada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Seus estatutos vieram em 1874, quando assumiu a direção da Politécnica o Visconde do Rio Branco – José da Silva Paranhos. A Reforma Benjamin Constant (1890) estabeleceu na Politécnica “um curso básico, geral, em três anos, e cursos especiais de engenharia civil, de minas, industrial, mecânica e agrônômica”.

A criação do Diretório Acadêmico, o primeiro a ser estabelecido em escolas de engenharia do Brasil, foi em 25 de abril de 1907. Outras reformas vieram em 1901, 1911, 1915, 1931 e 1937. Esta última, a Reforma Gustavo Capanema, trouxe a mudança do nome de Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro para Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil. Em 1951 saiu mais uma reforma, substituindo os cursos quinquenais por “cursos de formação em 4 anos, e cursos suplementares, de pós-graduação, de especialização e de extensão”. Da ENE saíram a Escola Técnica do Exército e a Escola Nacional de Química

A lista de figuras exponenciais da País que passaram por seus bancos escolares é enorme. Naquela ocasião, em 1962, dois terços dos engenheiros brasileiros nela estudaram. Vive-se, agora, mais uma data histórica, mais uma fase importante na vida da Escola: em 10 de abril do corrente ano (1962) verificou-se a inauguração dos cursos básicos de engenharia do 1º ano na Ilha Universitária. Luta de vinte e tantos anos, começa agora a se concretizar. O que os calouros recebem, os veteranos formaram. Cumpre, portanto, que também esta primeira turma se penetre de amor pela história e tradição da nossa querida Escola. As gerações novas herdaram das que as antecederam, todo o acúmulo de honra e de fama que lentamente se construiu. A sua obrigação é manter a nave na rota. E a justa fama, é o bom nome de nossa Escola se fazem com a excelência dos engenheiros que ela forma. A nossa gratidão, será, portanto, o estudo intenso e profícuo. A Pátria precisa de engenheiros, pois é com dinamismo do engenheiro que se escreve a história do Brasil atual.

Abril de 1962

CALOUROS DE 1962 DA ENE

A publicação “Alô Calouros” do Diretório Acadêmico produziu notável efeito no sentimento de pertencimento do projeto de mudança para a Ilha, cuja implantação passamos a protagonizar

Joaquim Bastos (joaquim.eng@ig.com.br)

Calouro ENE 62. Mecânico

Fortes emoções brindaram o início da vida acadêmica dos jovens calouros de 62 da ENE: o efeito surpresa de iniciarmos o curso básico fora do ambiente do Largo de São Francisco, em novo prédio na ilha do Fundão; o circuito Bonsucesso – Fundão em frota de dois ônibus da Universidade transportando, em múltiplas viagens, 314 calouros da Engenharia somados aos alunos da Faculdade de Arquitetura, estes já acomodados em prédio próprio e bem acabado, desde julho de 1961; o impacto à descida do ônibus ao contemplar um monumental edifício de quatro andares ao qual adentramos por amplo *hall* de elevado pé direito, ao fundo do qual se destacavam os dois elevadores de acesso aos pavimentos superiores, com a sensação de contemplar um enorme elefante branco. O que mais destacadamente nos chamava a atenção eram os informativos afixados na parede ao lado dos elevadores: um listando os calouros em duas turmas, nominadas de A e B, com seus nomes em ordem alfabética, e, o outro, com a grade horária das disciplinas, nomes dos professores ministrantes das aulas e a localização das correspondentes salas. Chegamos assim sem maior cerimônia de recepção aos novos alunos, seja pela ausência de um docente da Diretoria da Escola seja pela ausência de representantes dos alunos veteranos do Diretório Acadêmico (DA).

A certeza do território em que pisávamos nos foi dada pela simpática presença de Everly Bandeira, que nos recepcionou em

nome da direção da Escola na qualidade de secretária que responderia pela administração da vida acadêmica dos alunos recém-chegados, e que também assistiria aos professores das diversas disciplinas, cuidando da emissão e controle das listas de presença, e do apontamento das notas de desempenho escolar nos prontuários individuais do alunato. Para apoio logístico aos professores em sala de aula, a municiá-los minimamente com giz e apagador, logo se destacou, desde a primeira hora, a cordial presença do aplicado Ataliba de Oliveira, funcionário exemplar.

Nossos primeiros movimentos foram dedicados à escolha dos representantes de turma, como logo foi solicitado pela secretária Everly. A circunstância da ausência do aparato burocrático institucional da Escola favoreceu uma amigável aproximação dos alunos com seus professores e a forte presença mediadora dos representantes de turma na acomodação das mútuas demandas por datas e horários das obrigações acadêmicas.

A transferência dos cursos de formação de engenheiros para as projetadas instalações no Campus Universitário do Fundão há muito tempo vinha sendo a bandeira de luta dos alunos da ENE face ao progressivo esgotamento da capacidade instalada do histórico prédio do Largo de São Francisco e dos seus laboratórios instalados em outras edificações como os de mecânica, na rua

Luiz de Camões, e os do Instituto de Eletrotécnica, na praça da República. Esse esgotamento estava associado à demanda crescente de candidatos vestibulandos, assim como pela necessidade de atualização tecnológica das instalações laboratoriais.

A conclusão da primeira edificação do complexo que abrigaria a Escola no Fundão, o Bloco A, possibilitando o início dos cursos básicos em 1962, foi precipitada com a conclusão das instalações da Faculdade de Arquitetura no semestre anterior, e acelerada pela ação do Ministro da Educação Oliveira Brito, da Diretoria da Escola e do forte apoio dos alunos liderados pelo DA.

Os candidatos vestibulandos fomos recepcionados por ocasião das inscrições para as provas, com uma mensagem do DA, “A ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA DA ILHA UNIVERSITÁRIA”, animando para novos tempos em modernas instalações no Campus do Fundão.

O distanciamento geográfico e a precária acessibilidade viária, seguramente, dificultaram a desejável ação de presença do DA na recepção dos calouros. Uma Comissão de trote promoveu a aproximação dos veteranos com os calouros em um evento no Largo de São Francisco, ao tempo em que nos ofereceu o “Baile dos Calouros”, realizado no dia 19 de maio, nos salões da Sociedade Hebraica, em Laranjeiras.

Pelas mãos dos representantes de turma, foi distribuída uma significativa e didática brochura mimeografada, “ALÔ Calouros ENE 62”, editada pelo DA, modulada em 6 temas: 1) mensagem de saudação dos veteranos aos calouros; 2) a história da Escola contextualizando o momento de sua transferência para novas instalações na Cidade Universitária, destacando a

importância do nosso pioneirismo como garantia à continuidade de sua completa concretização; 3) a apresentação do DA como representação institucional do corpo discente, com seus 15 departamentos no interesse dos alunos; 4) o conteúdo programático das disciplinas do primeiro ano, o correspondente corpo docente e os critérios de aprovação; 5) a organização administrativo-acadêmica da Escola; 6) a missão do engenheiro.

A iniciativa dessa publicação foi de importância inestimável, por ter sido balizadora da vida acadêmica do coletivo de calouros em território isolado, de entorno inóspito, no qual se destacavam as componentes estruturais, expostas ao tempo e em meio ao mato crescente, dos futuros sete outros blocos arquitetônicos que completariam o ambicioso projeto destinado a abrigar a Escola num amplo e sofisticado espaço equipado com instalações laboratoriais que reafirmariam a sua vocação histórica na formação acadêmica de profissionais de Engenharia, em um complexo centro de excelência de ensino, de pesquisa científica e de desenvolvimento tecnológico.



Além das informações práticas da vida acadêmica da ENE, essa publicação produziu notável efeito no sentimento de pertencimento do projeto de cuja implantação passávamos a protagonizar, valorizando, em muito, a importância da nossa presença nesse processo.

Nos tempos em que os cursos eram sequenciados, os dois primeiros anos básicos da formação acadêmica ocorriam na mesma cadência, com as mesmas turmas integradas, nas quais se firmavam os laços de amizade, afeto e companheirismo solidário, o que muito nos fortaleceu na superação de dificuldades como as que experimentávamos, na precariedade ambiental do isolamento, onde o bebedouro era o único modo de saciar a sede, a busca por refeição estava distante, a mais de 300m, no refeitório da Faculdade de Arquitetura, e o alojamento de alunos, a mais de 400m, em trilhas no meio do matagal.

Assim, por ação reivindicatória coesa do nosso coletivo de calouros, foi viabilizada pela Reitoria da Universidade a construção emergencial de um restaurante, ao lado do nosso prédio, o Bloco A. O transporte regular para o alojamento de estudantes e para acesso à rede de transporte público urbano foi outra pronta conquista de destaque, além das obras de melhorias no alojamento dos estudantes, já então conhecido como o famoso “Aloja”.

Contudo, nós, calouros de 1962, não tínhamos em conta o quanto representava integrar a turma pioneira da Escola no novo Campus, pelo tanto que iria requisitar do nosso coletivo, em protagonismo, no esforço pela continuidade de sua implantação. Em ação permanente no Escritório Técnico da Universidade do Brasil – ETUB, discutíamos as prioridades no sequenciamento das obras, em etapas que representavam avanços incrementais

estratégicos, tendo em seguida o ônus de viabilizá-las com o Reitor Pedro Calmon, para rearranjo das prioridades orçamentárias.

Mais ainda: foram desenvolvidas ações pela garantia da continuidade das obras, ameaçadas por cortes de verbas à educação, decorrentes de contingenciamentos ou movimentações orçamentárias extemporâneas do Ministério da Educação. Assim, ocorreram as iniciativas do nosso coletivo em visitas à imprensa escrita e televisiva, e em manifestações nas ruas, como recurso derradeiro para obter a necessária ressonância política à nossa indignação pela iminente paralisação das obras. Essa peleja chegou a nos valer uma ida a Brasília, por chamado do então Ministro Júlio Sambaqui, à guisa de nos assegurar a continuidade das obras, mas que, também, viabilizou, à representação do nosso coletivo, visitar os parlamentares do Congresso Nacional, entregando-lhes mensagem sensibilizadora sobre a nossa dramática situação.

O nosso coletivo foi ampliado e ganhou maior robustez com a chegada de nova turma de calouros, em 1963, que se integrou coesamente ao enfrentamento cotidiano das dificuldades da vida acadêmica no Fundão, aumentando notadamente o patamar de reverberação dos nossos reclamos.

Essa vivência nos exercitou ao espírito de grupo na percepção de nossas necessidades prioritárias; sensibilizou-nos para a valorização dos nossos pontos de identidade; aguçou e deu expressão maior à compreensão do nosso compromisso social pelos espaços públicos de educação nos quais estudávamos, induzindo-nos ao protagonismo pelo cuidado, proteção e perene aperfeiçoamento acadêmico desses espaços, em progressiva

ampliação da sua capacidade instalada para possibilitar a formação de maior número de profissionais, na dimensão dos desafios projetados para o desenvolvimento nacional. Fortaleceu, assim, de modo inspirador, a nossa determinação em avançar com o projeto do qual compartilhávamos o pioneirismo como alunos e como implementadores de ações estratégicas orientadas à célere continuidade das obras.

Foram dois anos de tamanho significado que fizeram a diferença na nossa formação humana e profissional. A dispersão dos calouros de 62 em turmas dos cursos de especialização profissional, após os dois anos básicos de compartilhamento pleno de atividades acadêmicas e sociais, não comprometeu os vínculos pessoais tão bem sedimentados. Alguns atravessaram fronteiras e foram concluir o curso em outras paragens, outros por motivos pessoais diversos não concluíram o curso em 1966, mas todos os que iniciaram o curso como calouro de 62 constam da única lista que sempre nos convoca e nos reúne em celebrações de toda natureza,

pelos sólidos vínculos de amizade fraterna e solidária selados àquele tempo.

Antes de tudo, somos a turma Calouros 62 da ENE. Vincular-nos ao ano de 66 porquanto represente o ano da conclusão regular do curso, é muito pouco para o que representou ingressarmos na Escola em 1962, prolongado pelo ano de 1963, agrupando dois anos de cumplicidade em convivência prazerosa e vibrante, compartilhando as cobranças da vida acadêmica e assimilando as agruras dos tempos difíceis e de incertezas daquele nosso cotidiano, pela convicção da possibilidade de realizar o projeto que nos foi posto às mãos para protagonizar a sua implantação: uma unidade universitária pública de excelência, para além do nosso tempo. Quase 60 anos passados do início das atividades da então Escola Nacional de Engenharia da UB no Campus da Ilha do Fundão, admirar o ambiente acadêmico que hoje oferece a Escola Politécnica da UFRJ nos orgulha e nos envaidece pelo protagonismo que exercemos nos primeiros anos dessa construção bem-sucedida.



Bendita conjunção cósmica que nos possibilitou encontrar na primeira turma da ENE no Campus do Fundão, em 1962!

O INÍCIO

Ao aguardar pela nova caça ao professor da próxima aula, íamos cavalgar em alguns dos pangarés velhos, na ilha

Carlos Fernandes Braga (cfbraga@outlook.com)

Calouro ENE-62. Mecânico

Naquele ano de 1962, foram aprovados 300 novos alunos para o curso de engenharia da Universidade Federal. Era notório que o prédio do Largo de São Francisco assim como as demais instalações da Escola Nacional de Engenharia não comportariam aquele enorme contingente de novos alunos.

As obras das novas instalações da Engenharia, na Ilha do Fundão, onde já se localizava a Faculdade de Arquitetura, já se encontravam há bastante tempo em obras e, por esta razão, a reitoria da UB, juntamente com a direção da ENE, decidiram que aquele novo contingente de alunos iniciaria as aulas naquele novo campus.

Entretanto, somente o Bloco A apresentava algumas condições para receber os novos alunos. Todos os demais prédios ainda estavam em fase inicial de construção. O acesso à Ilha era feito somente por um único ônibus que saía da praça das Nações Unidas, em

Bonsucesso, o que tornava o acesso à Escola uma dificuldade adicional.

Naquele tempo, poucos alunos tinham carro próprio. O início das aulas requereu muita paciência tanto por parte dos alunos, quanto dos professores que também enfrentavam dificuldades de acesso às novas instalações.

Lembro-me que, no início, tanto a turma A quanto a turma B, como foram divididos os 314 alunos, perdiam um tempo enorme na tentativa de encontrar o professor e este de encontrar seus alunos, nos vários andares e anfiteatros do bloco A.

Em mais de uma oportunidade, Ammeleto e eu resolvemos, como forma de passar o tempo e aguardar pela nova caça ao professor da próxima aula, cavalgar em alguns dos pangarés, velhos e àquela fase da vida dóceis, que viviam livres naquela época, na ilha.

Depois, íamos ao banheiro para cuidadosa investigação que visava garantir de não levar nenhum carrapato para casa.

A ILHA

Estudantes conseguiram motivar o Correio da Manhã a publicar matéria sobre as obras na Ilha

João Batista Cabral (jbgcabral64@yahoo.com.br)

Calouro ENE-62. Metalúrgico

Em setembro de 1962, a turma do primeiro ano da Escola Nacional de Engenharia - ENE - enfrentava dificuldades para continuar o curso na Ilha do Fundão. O transporte era muito deficiente, algumas vezes se esperava quase uma hora pelo

ônibus da universidade que fazia o transporte para a ENE, para a Faculdade de Arquitetura e para o Alojamento. Além disso, o único local de alimentação era o restaurante da Universidade do Brasil – UB - situado no prédio da Arquitetura. A

espera na fila para o almoço chegava, às vezes, a mais de meia hora o que em tempos de provas era extremamente prejudicial.

O único prédio da ENE pronto era o bloco A, que ainda assim tinha sérias deficiências. O alojamento dos estudantes que lá permaneciam também necessitava de algumas manutenções. Alguns professores cogitavam voltar a dar aulas no antigo prédio do Largo de São Francisco. O que contrariava o desejo da maioria dos alunos, do então diretor da ENE Prof. Rufino Pizzaro e de alguns professores como Prof. Costa Nunes e Prof. Afonso.

Em contato com o colega de turma Bernardo Lemos, Vanderlei Bertoldi e eu, descobrimos que Bernardo tinha um amigo jornalista no Correio da Manhã. Fomos então procurar Dr. Barroso na sede do jornal na rua Gomes Freire onde fomos muito bem recebidos. Passamos então a expor todas as dificuldades que estávamos passando para poder continuar a estudar nas instalações da Cidade Universitária no Fundão. Nossa exposição resultou numa boa reportagem no caderno 1 do Correio da Manhã do dia 16 de setembro de 1962. A partir daí os fatos foram acontecendo, o Ministro da Educação Dr. Oliveira Brito mandou convocar uma reunião com o Reitor da UB Prof. Pedro Calmon, os diretores da Engenharia e Arquitetura e os representantes estudantis.

Dentre os estudantes estavam Gravatá e Joaquim Bastos, presidente e secretário do Diretório Acadêmico da ENE, Vanderlei Bertoldi e eu. A forma objetiva com a qual o Ministro conduziu a reunião me marcou. Brito determinou que o reitor resolvesse de imediato a questão do transporte dos

estudantes. Ademais, um restaurante para a ENE deveria ser inaugurado no início do ano letivo seguinte e as obras inacabadas precisariam ser concluídas.



ENE EM 1961 ERA ASSIM
Em 1962 continua assim

Página 9 do jornal Correio da Manhã do dia 16 de setembro de 1962.

Semelhante ao presidente da República Jânio Quadros, o Ministro Brito usava bilhinhos como forma de comunicação. Surpreendentemente ou não, todas as determinações dadas foram cumpridas e a ENE pode continuar na Cidade Universitária do Fundão com a nova turma de calouros integrada e iniciaram o ano letivo de 1963 sem maiores problemas. Um fato interessante a ser ressaltado é que nosso contato com o editor do Correio da Manhã naquele início de outubro de 1962 era fácil e uma nova reportagem estava sendo preparada. Porém, o Presidente dos Estados Unidos da America, John Kennedy, determinou bloqueio naval a Cuba, pois os soviéticos usariam a ilha para lançar foguetes. A partir daí as manchetes dos Jornais e as reportagens mudaram o foco e a nossa segunda matéria sobre a ilha do Fundão foi para o Brejo e mudou-se de “Ilha”.

IMPOSTAÇÃO DA VOZ, O CORAL E O LOCUTOR

A história de um locutor frustrado que fez imposição da voz e treinava no banheiro do Alojamento

Paulo Cezar Pinto (pintopc@terra.com.br)

Calouro ENE-62. Civil

Bem, lá se vão mais de 60 anos. Isto não é qualquer coisa para quem convive com um treco que eu não sabia até hoje, a anosognosia – esquecimento temporário de algum fato. Mas vamos ao tema deste episódio, eu fiz um curso de imposição da voz na Rádio MEC e me exercitava com testes tipo “destrava língua”. Morando no alojamento, a privacidade era pouca, portanto, eu treinava no banheiro “o rato roeu a roupa da rainha”, entre outros exercícios para destravar leituras mais difíceis. O curso de imposição da voz era ministrado pela fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller, bem conhecida no meio e que também era professora do Instituto Benjamin Constant, na Urca. O Instituto é destinado a pessoas com deficiências visuais e Glorinha treinava o coral do Instituto e tinha orgulho desta atividade, sempre comentando em nossas aulas.

Em 1963, no Alojamento, atividades culturais eram bem difíceis e o isolamento das instalações fazia-nos desaparecer às vezes em busca de algo que nos permitisse sobreviver à estafante e desafiadora rotina de estudar. Disto nasceu a ideia de convidar o Coral para nos visitar no Fundão.

Conversamos com a professora Glorinha e explicamos nossa pretensão, ela imediatamente disse que via positivamente a proposta de realizar uma apresentação no saguão do Alojamento. Ela ficou de verificar no Instituto e nos daria uma resposta mais adiante. Mencionou que necessitariam de transporte.

Criado o problema agora teríamos que resolvê-lo. Fomos ao ETUB (Escritório Técnico da Universidade do Brasil) e conversamos com o administrador que se mostrou favorável. Por fim, com a resposta positiva do Instituto, deveríamos formalizar os detalhes. Fizemos em seguida as cartas de convite e solicitação do ônibus, tudo isto, sem computador e sem máquina de escrever. De algum lugar surgiu o socorro necessário.

Com tudo combinado e programado, noticiamos no Alojamento e promovemos o evento que ocorreu de forma maravilhosa, com estudantes e membros do coral entusiasmados. Tinha acontecido, o primeiro evento cultural naquela ilha inóspita, graças a um curso de imposição da voz, o interesse da professora em ajudar e a vontade dos membros de um coral que tinham deficiências visuais, mas reuniam empatia de sobra para proporcionar cultura aos estudantes.

E o que fazia eu em um curso de imposição da voz? Isto é outra história! Mas não acabou. Em Valença - RJ, onde nasci, tínhamos um programa Sábado Estudantil. Nele atuavam o Sergio Chapelin, como locutor comercial, meu cunhado José Maria, como cantor principal e eu, como apresentador. O programa era nos auditórios da Rádio Clube de Valença. O José Maria já faleceu. O Sergio está aposentado pela Globo. Eu, quando estudante de Engenharia, fui fazer um teste na Rádio Relógio Federal, juntamente com o irmão do Sergio, o Harvey. A Rádio Relógio era aquela que,

de minuto em minuto, dava a hora oficial do Observatório Nacional.

Quem já ouviu a Rádio Relógio pode imaginar o estresse do locutor. Era necessário ler em um minuto um número grande de anúncios e terminar antes da nova badalada que anunciava o minuto seguinte! O teste era na programação normal da Rádio, isto é, ao vivo. Harvey

passou no teste. Eu falhei feio, pois o anúncio de Kolynos dizia que combate eficazmente a cárie dentária e bem, eu disse que combatia “efizcamente” ... Fui reprovado. Logo eu que assisti às aulas da professora Glorinha e fazia exercícios tipo destrava-língua. Assim, terminou por aí minha carreira “no rádio”.

RECORDAÇÕES DOS BRAVOS DA ILHA

Recordando dos Esportes, do Curso Politécnico e de viagem histórica a Juiz de Fora

Dirceu Machado (nagladir.dirceu@globo.com)

Calouro ENE-62. Civil

“Recordar é viver” diz o dito popular, com o que todos nós concordamos. O que normalmente mais recordamos são fatos ou pensamentos que aguçam nossa capacidade de raciocinar e de agir. Por isso mesmo, cada um de nós é capaz de recordar fatos ou planos que mais despertaram em nossa mente a alegria ou a tristeza deixando marcas inesquecíveis. Assim, cada um dos “Bravos da Ilha” se recorda de fatos que foram significativos para ele, mas que, talvez, tenham passado despercebido para outros.

Sendo assim, é com alegria que parabenizo os companheiros que tomaram a iniciativa de tornar público fatos que ficaram gravados indelevelmente na memória de cada um de nós, os “Pioneiros do Fundão”. De minha parte, não tive a oportunidade de morar no Alojamento do Fundão, o que não me possibilita relatar acontecimentos significativos ocorridos naquela casa, mas, certamente, vivi experiências marcantes em minha vivência como aluno e, posteriormente, como professor da Escola Nacional de Engenharia da UFRJ.

Vou recordar dois períodos que marcaram bastante minha vivência. Os demais

colegas certamente vão nos lembrar de ocorrências que mais marcaram suas experiências vividas naquela época. Os dois períodos que comentarei são:

- 1 - Os relacionados aos Esportes praticados pelos alunos da Escola.
- 2 – Os referentes à preparação para o ingresso em nossa Escola, como alunos do Curso Vestibular “Politécnico” do Diretório Acadêmico, também conhecido como “POLI”.

Sobre os Esportes, a primeira lembrança é que logo ao ingressarmos no Fundão, tomamos conhecimento que a Escola de Engenharia era Penta-Deca Campeã das Olimpíadas Universitárias do Rio de Janeiro. Isso me foi relatado pelo Diretório Acadêmico assim que fui indicado para a Diretoria desse setor. Nessa diretoria participaram outros colegas da nossa turma como o José Caetano dos Prazeres, (Vice-Diretor), Juvenal (Diretor Patrimonial) e Oduvaldo Arnauld (Relações externas). Nesse período mantivemos a tradição de campeões universitários pois, além de um bom time de futebol, tínhamos uma boa equipe de basquete e uma excelente equipe de natação, onde sobressaiam o Aldo

Perseke e o Newton Twin. Em 1965 fizemos uma viagem histórica a Juiz de Fora, MG, para participar, como convidados, da comemoração de aniversário do Instituto Granbery (que teria sido a primeira Universidade Brasileira, não fossem impedimentos políticos). As tratativas para o convite foram feitas por mim, já que era ex-aluno do Granbery (formado em 1960) e gozava de bom prestígio pois havia sido homenageado, em 1960, com o prêmio “W.H.Moore”, a maior comenda do Colégio.



Daí foi relativamente fácil convencer o Reitor do Granbery a convidar os alunos da Escola de Engenharia (do Fundão) para participarem da Festa. Nosso grupo ficou hospedado nas dependências do internato do colégio. Os quartos eram amplos e confortáveis. Pelo menos dois de nós não pernitoamos nas dependências do Colégio; um deles fui eu pois minha mãe possuía uma casa em Juiz de Fora onde fiquei e onde tive o prazer de ser visitado pelo Joaquim Bastos nosso presidente do Diretório Acadêmico e um dos “cartolas” convidado.

O outro, que não ficou no dormitório do Granbery, foi o José Caetano que também tinha parentes em Juiz de Fora e um deles, notável, era o Ex-Presidente Itamar Franco que havia estudado no Granbery desde sua infância até completar o curso

secundário e que também havia sido da equipe de basquete do colégio. Os detalhes e lembranças dessa viagem podem e devem ser contados pelos participantes da comitiva da Escola de Engenharia (atletas e “cartolas”) de nossa turma.

Lembro também da partida de futebol na qual a Escola Nacional de Engenharia enfrentou a Faculdade Nacional de Medicina e que foi a preliminar do jogo entre a Seleção Brasileira e a Seleção Soviética, em 1966. Ganhamos o jogo pelo placar de 3 x 1. Meu irmão Glaciomar Machado era o goleiro da Medicina. Nosso técnico era o Orlando Moreira (ex-professor de Educação Física do Colégio São Bento) e, pelo que me lembro, um dos gols foi feito pelo Wilson Pará, nosso “artilheiro” de saudosa lembrança.

O segundo assunto que tentarei sintetizar é o relativo ao Curso Politécnico, preparatório ao vestibular de Engenharia, criado pelo Diretório Acadêmico da Escola. Naquela época, o Diretor do Curso era o Matheus Schneider, então no quinto ano da Escola. Matheus era professor de Geometria Euclidiana e Trigonometria. Outros professores do Poli, que me recordo, foram Astíages Brasil (Geometria Descritiva), Miguel Jorge (Álgebra), Miguel Moraes (Física) Isaac Caldas (Química) e Luigi Filipo.

Os professores do Poli eram remunerados e admitidos através de concurso entre os alunos da Escola com provas escrita e oral na disciplina que pretendiam lecionar (a vaga abria com a saída do professor quando terminava o seu curso de Engenharia). Os alunos do Poli, agraciados com Bolsa de Estudos, tinham direito a almoço e jantar no refeitório da Escola, situado num dos prédios da Escola, na rua Luiz de Camões.

Alguns de nossos atuais colegas do Fundão foram alunos do Poli. Recordo-me do Caetano, Augusto Sérgio, Antônio Augusto, Oduvaldo Arnaud, Nilson, Alacil Cruz, José Sétimo, Amós, Atilio, Jorge Mendes, PCPinto, Nazário Ernesto, Jacauna. Alguns se tornaram professores do Poli enquanto alunos da Escola, como o Alacil Cruz e eu. O Curso Politécnico foi

uma ótima iniciativa do Diretório Acadêmico da Escola tendo se tornado um dos melhores cursos preparatórios ao vestibular de engenharia. O Diretório Acadêmico, com a renda obtida através do Poli, promovia Eventos Culturais e Exposições da Indústria Brasileira que despertavam muita curiosidade na população da cidade.

A REGIONAL COPACABANA, A 1ª FILIAL

Do chopp gelado ao planejamento de comemorações e confraternizações

Helton Gama de Carvalho (zumburungo@uol.com.br)

Calouro ENE-62. Mecânico

Com pitacos identificáveis do Onesild

O grupo de amigos, ex-alunos da ENE 66, que se reunia em Copacabana teve como origem os encontros periódicos no bar Rondinella, na orla de Copacabana, entre o Augusto Sérgio e o João Cabral. Dois metalurgistas que, certamente gostavam de lembrar da vida estudantil na ENE. Por um acaso muito feliz, encontrei-os no Rondinella e gostei de estar com eles. Não sei de quem foi a ideia de expandir o âmbito daqueles encontros, e aos poucos fomos chamando os colegas moradores em Copacabana e bairros adjacentes. Tínhamos definido que as reuniões seriam realizadas na primeira terça-feira do mês, a partir de 18h 30min.

O nome ENE 66-Regional Copacabana foi uma criação feliz do Cabralzinho, após a realização de muitas reuniões. Depois de alguns encontros, para registrar a presença dos participantes passei a levar um livro de presença, que foi utilizado pela primeira vez no dia 1º de julho de 2003, no Senado do Chopp, na rua Santa Clara, em Copacabana, com a participação de Juvenal, Atilio, Walter Márcio, conhecido no alojamento do Fundão como Ave Rara,

Jandir, José Caetano, Antonio dos Santos, João Cabral e eu, Helton.

Não sei por que o nome do fundador Augusto Sérgio não consta da primeira lista. Deve ser por conta dos compromissos literários dele que é escritor e poeta com livros publicados e agraciado com diversos prêmios de poesia e contos escolhidos. Algumas vezes reunimo-nos no Amarelinho da Glória, com a esperança de contar com a presença do Newson, que trabalhava em um escritório do INCRA nas imediações.

Aos poucos, mais amigos (o Braguinha costuma chamá-los de ex-colegas) foram atendendo ao nosso convite. Assim, passamos a ter a participação de Biolchini, Luiz Roberto, Antônio Augusto e Agilson Baroni. Estes dois últimos, infelizmente, nos deixaram, respectivamente em 2014 e 2017. Tivemos também a presença em algumas reuniões do Mario Yamada, que se mudou para São José dos Campos.

Até o final de 2005, não tínhamos mais do que oito presenças nas nossas reuniões. No dia 07 de fevereiro de 2006, superamos a barreira de 10 participações com a chegada do Walcondiney e do Chico

Paraíba. O grupo foi se encorpando com a chegada do Onesild, Lino Cotelo, Oberlan e Arnaud, representante da turma B, no Fundão e grande líder estudantil, que, para tristeza de todos nos deixou recentemente, um dia após a partida de Joaquim Rodrigues, outro participante das reuniões, porém com frequência menor.

Nas listas de presenças constam os nomes de celebridades como Yuri Gagarin, Bolsonaro, Ciro Gomes, Bin Laden, Onesild Pallocci, que, na verdade, foram cognomes usados pelo Onesild. Alguns colegas vinham de outros estados, pelo menos uma vez, como o Joaquim Bastos, Oberlan Cambeiro, Johny Galper, Carlos Pacheco, Flavio Grinszpan e Dirceu Roberto Trinca, outro que também já nos deixou, recentemente.

Gostaria de destacar a participação do Antônio Augusto, que, pelo seu temperamento alegre e irreverente, conseguia tornar nossas reuniões alegres e harmoniosas, mesmo havendo no grupo opções políticas bem divergentes. As reuniões com presença dele eram sempre regadas com Maxicana, que, para mim, é a melhor cachaça do Brasil, fabricada no seu alambique na Estrada Velha da Barra de Guaratiba.

Além da Maxicana, Antonio Augusto trazia a Gabriela, uma batida com Maxicana, mel e canela que também era devorada em cada reunião. No dia seguinte, após uma reunião, o Anselmo Augusto, filho mais velho comunicou que o Antônio Augusto, ao voltar para casa, foi parar na Ilha do Governador. Soube-se depois que ele estava com um tumor no cérebro. Mesmo assim, além de comparecer a algumas reuniões, trazido pelo seu filho Anselmo, ele ainda promoveu um churrasco de aniversário em sua residência na barra da Tijuca, onde estivemos com um bom número de amigos (Onesild, Newson,

Pines, Celso Uribe, Montanha, Juvenal ...). Foi o nosso último encontro do grupo com Antônio Augusto.

A doença se agravou e ele foi operado no Instituto do Cérebro do Paulo Niemeyer, tendo sido visitado pelo Caetano (que para poder entrar no quarto mentiu dizendo que era primo dele e estava de passagem pelo Rio). Dias depois, apesar de aparentar lucidez, ele veio a falecer, deixando para nós uma imensa saudade. Na missa de sétimo dia, o Padre chegou a registrar a importância do Antônio Augusto pela presença maciça de colegas presentes.

Muitos de nós tínhamos uma identidade com o palácio Rondinella, que nos dedicou um garçom exclusivo, o vascaíno Raimundo, com quem tínhamos uma relação fraternal e levava na esportiva as gozações que fazíamos quando o Vasco perdia. (O Onesild tinha um prazer especial em chamar o garçom Raimundo e pedir a ele que chamasse um garçom para nos atender, ao que Raimundo sempre sorria).

No Rondinella, tivemos, com muita honra e orgulho, o comparecimento do professor Aimone Camardela e suas acompanhantes. Tivemos também a presença do professor Heloi José, presidente da A³P e ex-diretor da Escola Politécnica da UFRJ, nome atual da nossa eterna ENE.

Como a despesa do Rondinella era dividida, surgiram alguns problemas pois uns e outros pediram Whisky, depois vieram os vinhos e isto irritava alguns! Caetano E Braguinha sempre era um dos primeiros a chegar para poder beber e comer mais e dividir a despesa.

Lá também fazíamos a mobilização, coordenada pelo Onesild, para os encontros de fim de ano na SEAERJ (Sociedade de Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro) e os

quinquenais no hotel Villa Forte, em Engenheiro Passos e, ultimamente, no hotel Três Pinheiros. Em 2012, foi iniciada no Rondinella a movimentação para comemoração dos 50 anos de início das atividades da Escola Politécnica da UFRJ, na Ilha do Fundão. Na época, em 1962, a nossa escola ainda se chamava Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil. Os preparativos foram iniciados com uma carta dirigida ao Diretor da Escola, Prof. Dr. Erickson Rocha Almendra. A carta foi iniciada pelo Dirceu Machado e concluída pelo Joaquim Bastos.

Como eu me encarreguei de enviar as mensagens de convocação por e-mail, adotei o título de estafeta (O Braguinha me chamava de pau-mandado, muito malmandado, por sinal). Como estafeta da turma, apropriei-me da missão de levar a carta ao Diretor, que me recebeu com muita cortesia e me disse que passaria o assunto ao Prof. Heloi, que foi o coordenador das festividades.

Além da solenidade na sala da Congregação, houve também um coquetel, que contou com a colaboração do Antônio Augusto, fornecendo diversos compostos da Maxicana. Como parte das festividades, foi realizado um maravilhoso café da manhã em um dos salões do Clube de Engenharia, com filmagens, salientando-se a fala emocionada do Jacob Hadid. Para garantir o clima de harmonia entre os colegas, na ida e na volta ao Fundão, o Onesild (mestre da logística, parece até o Pazuello) contratou veículos bem confortáveis que transportou os colegas e muitas esposas.

Registre-se também que era no Rondinella o ponto de encontro para as manifestações a favor do impeachment da Dilma, pois o Onesild convocava não só os colegas da ENE, assim como seus colegas da IBM e

os velhos camaradas do IAPI da Penha, também amigos do Newson.

Algumas vezes o Rondinella não foi unanimidade como local de encontro e outros tantos foram tentados (La Maison, Deck, Cevada etc.) mas nenhum com o charme e a história do Palácio Rondinella. Quando da comemoração de 50 anos de formados em 2016, muitos colegas que não puderam ir ao Hotel Fazenda 3 Pinheiros sugeriram e foi realizada a comemoração de 50 anos no Rondinella e foi quando o maior número de colegas compareceu. Não sei se estão todos no livro do Helton, mas foram cerca de 30 “ex-colegas”. Entre todos que de alguma forma estiveram pelo menos uma vez no Rondinella temos: Jandir, Helton, Xyko Abrantes, Xyko do Valle, Braguinha, Onesild, Nelson, Caetano, Arnaud, Zé de Souza, Biolchini, Roberto Aduan, Oberlan, Antonio Augusto, Augusto Sergio, Antonio Augusto, Montanha, Cury, Maia, Cabralzinho, Pines, Sergio Morais, Juvenal, Sergio Motta, Antônio Cunha, Gilson Faissal, Agilsson Baroni, Joaquim Rodrigues, Lino, Aldo Perseck, Felippo, Felipe Pupe, Simion, Joaquim Bastos, PCPinto, Mendes de Moraes, Johnny Galper, João Moraes, Jacob Hadid, Yamada, Walmir, Michaello, Antônio dos Santos, Dirceu Machado, Pacheco, Flavio Grinszpan, Dirceu Trinca, Paulo Cotta, Umberto, Alex Pinho, Carlinhos Ferraz, que eu me lembre (observação do Onesild).

O racha entre os amigos começou com a eleição do JB e passamos a ter discussões acaloradas entre bolsonaristas e não bolsonaristas e a pandemia veio para separar tudo!!! Já estamos esperando melhorar a situação pandêmica, pois todos já estão vacinados do vírus, mas alguns ainda têm visões negacionistas e terraplanistas. Embora não tenha sido

escrita, a missão da ENE 66- Regional Copacabana, que é de manter a harmonia e companheirismo dos tempos da Escola, o grupo mostrou a capacidade de promover eventos ligados à nossa formação acadêmica e profissional. Cabe

também homenagear os colegas que nos deixaram, os saudosos Agilson Baroni, Antônio Augusto de Souza, Joaquim Rodrigues, Oduvaldo Arnaud e Roberto Aduan.

FROM RONDINELLA TO BARRA

O evento registra como sobreviver a uma viagem etílica do Palácio Rondinella até a Barra e nos faz lembrar de uma figura carismática, amada por todos, o Antônio Augusto

Onesild Jose da Silva (onesild@yahoo.com.br)

Calouro ENE 62. Metalúrgico

Como vocês sabem a turma da Escola Nacional de Engenharia – ENE de 62/66 comemorou com churrasco quase todo ano, aqueles anos maravilhosos que passamos juntos. Apesar dos encontros anuais, um grupo morador de Copacabana resolveu tornar mais frequente esses encontros e foi criada então a sucursal da ENE-66 Copacabana. Os encontros ocorreram em vários e vários restaurantes ali na orla da Zona Sul, tendo como ponto central o “Palácio Rondinella”. As “reuniões” eram muito animadas e contavam com a presença de no mínimo 9 colegas, tudo registrado em ata. O maior público se deu na comemoração de 50 anos de formados, em 2016, com a participação de 25 colegas.

Um dos mais respeitáveis componentes da sucursal Copacabana, que também pode ser chamada de derivada primeira da ENE-66, era o nosso saudoso Antônio Augusto, famoso por ser o grande zagueiro do time da ENE-66; um excelente metalurgista e um estagiário na Escócia, onde descobriu o segredo de algumas bebidas. Antônio Augusto aplicou seus conhecimentos em sua destilaria no Rio de Janeiro. Aqui fabricou, entre outras, as cachaças Gabriela e Canelinha que regavam as nossas reuniões em Copacabana.

Augusto que além de fabricar também era bom adepto de beber estava sempre em competição com Newson no quesito de quem bebia mais.

Eu morador da Barra da Tijuca também era frequente usuário não só da Gabriela como também das demais cachaças. No meu condomínio eu tinha acesso a um ônibus direto para ir e voltar de Copacabana, do Palácio Rondinella. Apesar de vários colegas da Barra sempre me convidarem para retornar com eles, eu geralmente declinava, pois o meu ônibus tinha ar-condicionado, poltrona reclinável e me deixava na porta de casa.

Numa noite eu não resisti aos insistentes apelos de Antônio Augusto para compartilhar com ele o retorno à Barra da Tijuca. Ele me convenceu lá pelas tantas e depois de boas cachaças; saímos nós em direção à Siqueira Campos para encontrar o veículo do Antônio Augusto (imaginem o estado do cara). Inicialmente, ele tentou abrir a porta de uma viatura policial e eu falei: *Augusto, esse carro é da polícia p***. Continuamos andando até que enfim chegamos ao grande Opala branco que repousava calmamente na Siqueira Campos pronto a nos guiar na aventura. Adentramos ao veículo e após várias tentativas o possante ligou! E viemos.

Meus amigos, foi um negócio de louco! Nunca ouvi tanta buzina, tanta freada atrás, ao lado e na frente do carro do Antônio Augusto que, ainda bem, dirigia a cerca de 20 km por hora. Eu agarrando o cinto de segurança com uma das mãos e com a outra na maçaneta pronto para abrir a porta e pular fora do carro. Naquele momento entendi por que o Oberlan me dizia para não aceitar a carona!!

Nunca fui tão xingado!

Em algum ponto do trajeto, Augusto apresentou mais uma de suas brilhantes características. Ele era compositor, mas não compositor qualquer! Era um compositor de samba enredo, mas não de qualquer samba enredo! Um samba enredo sobre cachaça! Algo que, literalmente, corria no sangue.

Prezados, vocês não têm ideia do que seja ouvir um samba enredo sobre cachaça dentro de um Opala que teimava em não seguir em linha reta! Quando terminou a primeira gravação ele perguntou se eu gostei. Gentil e educadamente respondi que sim. *Então vai assistir ao meu outro samba enredo*, ele me disse.

Tive que ouvir o segundo samba-enredo sobre cachaça e o Opala, “cachaceava” pela rua, pela auto estrada Lagoa-Barra, as buzinas, os gritos, os xingamentos, as freadas e vamos nós... La nave va! Ao

terminar o segundo samba-enredo eu pensei *graças a Deus acabou*, mas não, tinha mais! Tinha um terceiro samba-enredo que era tão ruim quanto os anteriores e lá estava eu quase dormindo, mas de olho aberto para possíveis acidentes ou para tentar pular do carro.

Aguentei o terceiro e viemos embora seguindo a jornada. Ainda bem que, quando o terceiro samba acabou, eu já estava pertinho de casa. Quando conseguiu parar em frente ao meu condomínio, Antônio Augusto com toda sua delicadeza perguntou a mim se não queria tomar uma saideira!

Eu falei para ele que a minha saideira será sair do carro porque eu quase morro do coração. Só desejei feliz retorno à sua residência. Trêmulo, nervoso e feliz, subi para minha casa, mas com a emoção quase não consegui abrir a porta de casa e minha esposa foi quem, notando as tentativas, abriu e me facilitou a entrada. Olhei para ela, pensei em tudo que ocorreu dei um abraço muito apertado que ela não entende o porquê até hoje.

No dia seguinte quando liguei para saber se Antônio Augusto havia chegado em casa em segurança fui surpreendido pela notícia de que o cara estava correndo em Copacabana!

OS JORNAIS DA ENE

Em 63, houve um grande debate sobre o retorno da participação da ENE na UNE: uma Assembleia Geral com quase 1.000 participantes

Raul Odemar Pitthan (raul@biodinamica.bio.br)

Calouro ENE-62. Civil

Quando chegamos ao Fundão, em 1962, circulavam na então Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (ENE), vindos do Largo de São Francisco, dois periódicos, o Jornal da Politécnica JP

e outro, também conhecido como Jornal da Politécnica, o JP’.

O JP era sazonal e saía 3 a 4 vezes por ano. Era bem elaborado e editado em forma gráfica bem caprichada, em papel

especial. Destacava-se por tratar de assuntos mais permanentes, ligados à cultura, às artes e às descobertas no campo da Ciência, em geral, e da Engenharia, em particular.

Já o seu primo pobre, o JP', era feito em papel comum, nos antigos mimeógrafos. Tinha um perfil mais direto e mais imediato, em sua periodicidade mensal. Continha informações gerais e se preocupava, principalmente, com o dia a dia, com as carências da Escola em termos de instalações, como a necessidade de um restaurante ao lado do Bloco A e com a conclusão das obras universitárias. Discutia, também, algumas questões nacionais e o papel dos futuros engenheiros na sociedade brasileira. Ambos, JP e JP', eram rodados na gráfica do Diretório Acadêmico (DA), no Largo de São Francisco.

No ano seguinte, em 1963, o grande debate foi sobre o retorno da participação da ENE na União Nacional dos Estudantes (UNE), da qual havia se desfilado há algum tempo. Havia duas correntes nessa época. Uma delas defendia essa volta, com a tese de que era sempre melhor discutir os problemas universitários e nacionais dentro da UNE e não se omitir, para só assim ser possível a mudança de postura dessa entidade.

O outro grupo afirmava que a UNE se preocupava mais com a política do que com a educação e os interesses dos estudantes. Esses colegas, conservadores, se consideravam "apolíticos" e achavam que estudante tinha que estudar, professor tinha que ensinar, militar tinha que permanecer nos quartéis, operário tinha que trabalhar e não fazer greves, camponês devia mais era plantar e colher, e por aí afora: nenhum deles tinha que se meter em política! Por vezes, nas eleições nacionais, pregavam o voto nulo

ou em branco, como se isso não fosse uma atitude política, a "do deixa como está, para ver como é que fica..." Depois, ainda se achavam no direito de questionar quem tinha sido eleito, sem ter participado da escolha de um ou outro candidato.

O debate foi se ampliando, até que foi convocada, pelo DA, uma Assembleia Geral, no Fundão, onde as duas turmas (1962 e 1963) já perfaziam mais de 500 alunos, para decidir sobre a volta ou não à UNE. Essa Assembleia foi bastante concorrida, tendo sido registrada a presença de mais de 1000 participantes, juntando o pessoal da Ilha com o do Largo, na ocasião cursando os 3º, 4º e 5º anos da ENE.

Foi um dia histórico: o evento começou de manhã e só foi concluído à noite, após a livre manifestação, no palco do Auditório do Bloco A, de dezenas de estudantes, com diferentes ideias, em um clima bastante democrático e respeitoso.

A classificação de "direita" e "esquerda" já existia nessa época, com os primeiros não querendo voltar para a UNE e os outros defendendo a importância de o corpo discente da ENE ter presença e voz ativa nessa instituição, que congregava os estudantes universitários brasileiros.

Alguns fatos pitorescos ocorreram nesse dia. Havia um colega nosso que lutava boxe e dizia que, para tal, tinha que estar sempre forte. E que, para assim se manter, necessitava de um leite especial e, por isso, havia trazido uma cabra para o apartamento dele e a instalado na área de serviço, junto ao quarto de empregada, vazio. Relatou que ficara revoltado porque a mãe dele, sem compreensão, havia posto o animal para fora de casa...

Esse poderoso colega foi convidado, pela turma de esquerda, preocupada com o acirramento de ânimos na Assembleia e com o surgimento de algum conflito, para

ajudar a apartar alguma briga que, eventualmente, ocorresse.

Entretanto, lá pelas 19 horas, sem o leite de cabra dele, exclamou: “estou de saco cheio, cadê os comunistas para eu dar umas porradas neles?” Prontamente, os que o convidaram lhe disseram que não era nada daquilo, que ele estava cansado e com fome e que poderia ir embora relaxar, que estava tudo sob controle. E ele, felizmente, partiu e nenhuma confusão ocorreu, pois as discussões foram sempre em nível elevado.

No final, houve a votação e a Assembleia decidiu manter o afastamento da UNE, por uma diferença de 79 votos, indicando que o pleito havia sido muito equilibrado.

Na ocasião, dirigia o JP' um grande brasileiro, futuro engenheiro naval, que se

formou em 1964, o brilhante Mauro Orofino Campos (1939-2019), que veio a se eleger, por Minas Gerais, Deputado Federal da Assembleia Nacional que elaborou a Constituição de 1988, em vigor até hoje. Depois, foi Presidente da Companhia Docas do Rio de Janeiro, Diretor Técnico da Eletrobrás, criador e primeiro Presidente da Transpetro.

O Mauro chorou no dia da nossa Assembleia e escreveu um comovente e lúcido artigo no JP', afirmando: vamos continuar o debate, vamos esclarecer cada vez mais nossos colegas e vamos conquistar esses 79 votos no ano que vem. Entretanto, adveio o 1964 e, em seguida, o Diretório Acadêmico e o JP' perderam não a razão de ser, mas, sim, o direito de opinar politicamente e existir...

METALURGISTAS DA ENE EM VOLTA REDONDA

Mudança para Volta Redonda, livros subversivos e carona recebida para empurrar o carro

Onesild Jose da Silva (onesild@yahoo.com.br)

Calouro ENE 62. Metalúrgico

Havia um excelente curso de metalurgia oferecido em Volta Redonda pela UFF e que tinha a grande vantagem de ser um curso de 4 anos, sendo esta uma das razões de eu ter optado a concluir meu curso de metalurgia lá. Nesta empreitada tivemos a companhia de mais três colegas: Antônio Augusto, Augusto Sérgio e Oberlam Cambeiro. Essa experiência dos 4 da ENE66 em Volta Redonda foi muito interessante, imagine que como não existia cola lá, não havia professor tomando conta de prova, o que causou uma grande surpresa para nós.

Morávamos numa república de estudantes dividindo o apartamento com mais dois colegas, Pedro Piroca e Brasil (um outro Brasil, não da ENE66); duas figuras realmente muito interessantes e até que

convivíamos muito bem no “apertamento”. Estávamos lá quando irrompeu o golpe militar em abril de 1964, o que gerou muita preocupação. Muitos livros foram rasgados, queimados e jogados ao rio Paraíba do Sul.

Certa noite a república de estudantes ficou vazia, todo mundo estava se desfazendo de alguma coisa. Recebemos até a visita de um coronel do exército querendo informações sobre comunistas. Meses depois ocorreu uma exposição de livros e documentos aprendidos em Volta Redonda, para minha surpresa um livro em inglês com capa preta de nome “Metallurgical Handbook” estava por lá listado como subversivo.

Geralmente, toda semana voltávamos para o Rio e sempre pegamos carona com

Antônio Augusto em seu Gordini azul anos 1900 e pouco que parecia movido a lenha. E a carona era dada pelo simples fato de que o carro morria toda hora e ele precisava de alguém que empurrasse o veículo.

Terminado o terceiro ano em Volta Redonda eu pedi transferência (retorno) para o ENE pois havia passado para um concurso público de estatístico e o salário era muito bom. Acreditava que as cadeiras que eu tinha feito lá em Volta Redonda seriam aceitas pelos professores aqui na ENE sem problemas. O que de fato ocorreu com exceção uma matéria de Eletrotécnica e eu seria reprovado. Conversei com o professor que disse as disciplinas eram completamente diferentes e eu pedi uma chance para fazer a última prova.

Sem saber nada da matéria fui lá para o Fundão fazer a prova junto a turma da ENE

67. Lá dei de caro com nosso grande colega Balinha que me perguntou o que eu estava fazendo ali, expliquei que era a prova de Eletrotécnica e que eu não tinha a menor ideia da matéria. Balinha estranhamente me mandou ir ao banheiro, sentar-me na privada do meio e dar uma boa cagada. Não entendi o porquê, mas como eu estava nervoso acabei aceitando o conselho. Na porta do banheiro por dentro estavam escritas dez questões de Eletrotécnica, rapidamente peguei papel, copiei as questões e fui fazer a prova.

Abri a prova e verifiquei que a primeira questão não batia p*rra nenhuma com a questão que eu tinha copiado do banheiro. Timpariu. Fiquei p. da vida e fui ler a segunda questão (era uma prova de motores) que bateu e assim foi com todas as outras questões que batiam com meu papiro. No fim tirei 7 e fui aprovado em Eletrotécnica.

A ODISSÉIA DE JUIZ DE FORA

Nunca mais nenhuma turma da Engenharia recebeu qualquer convite para participar de competições na cidade de Juiz de Fora

Carlos Fernandes Braga (cfbraga@outlook.com)
Calouro ENE-62. Mecânico

Não me lembro se foi no primeiro ano em que fomos convidados pelo Colégio Granbery para uma competição esportiva entre os nossos “atletas” e os do colégio. Mas o encontro foi conseguido pelo nosso colega Dirceu Machado, o Didico, que havia estudado naquela instituição. Nosso ônibus saiu do Rio lotado, em número maior de torcedores do que de atletas. Na qualidade de convidados, ficamos alojados no dormitório do colégio. Já na primeira noite os convidados mostraram suas credenciais. Promoveram uma guerra de travesseiros! As penas do recheio inundaram o dormitório, parecia que

estava nevando no ambiente. Os internos com os quais dividimos o recinto não acreditavam no que estavam presenciando.

A Rua Halfeld, tradicional ponto da cidade, com inúmeros bares e restaurantes, conheceu mais um aspecto dos “bárbaros” da engenharia. O comportamento dos nossos atletas e torcedores não seria esquecido por muitos anos pelo barulho e algazarra promovidos.

Ficamos sabendo que em um tradicional clube da cidade estava se realizando uma festa para jovens moças da cidade em comemoração dos seus 15 anos. Nos

dirigimos para lá, mesmo sem que nenhum de nós tivesse sido convidado. Naquele tempo, ainda rodavam bondes em Juiz de Fora. Antes que o bonde chegasse ao destino, alguém tirou uma lâmpada do bonde, o que fez com que ele parasse repentinamente.

Sem que isso representasse problema, a horda de bagunceiros prosseguiu até o local da ágape. Uma vez lá, o comportamento dos penetras ensejou convite para que nos retirássemos.

O resultado dessa aventura foi que nosso ônibus ao final das competições, foi escoltado pela polícia até os limites da cidade para que fosse assegurado aos habitantes daquela ordeira e pacata localidade que aqueles bárbaros haviam, de fato, deixado o município. Para nunca mais voltarem. Aliás, nunca mais nenhuma turma da Engenharia recebeu qualquer convite para participar de competições em Juiz de Fora, haja vista a assustadora experiência vivida por lá.

O ALOJA

Pouco tempo depois de abril de 1964, tivemos a 1ª blitz na Casa do Estudante da UB. Foi apreendido um livro de capa vermelha e letras pretas

João Baptista Cabral (jbgcabral64@yahoo.com.br)

Calouro ENE-62. Metalúrgico

Situado na Ilha do Fundão, o Alojamento foi palco de vários acontecimentos, cujo relato é oportuno para nossas lembranças. Antes, porém, é interessante se fazer um breve retrospecto de sua história. A Ilha do Fundão era uma das várias ilhas existentes naquele canto da Baía de Guanabara e tinha sido escolhida, entre muitas outras opções, para ser a sede da Cidade Universitária da Universidade do Brasil (depois UFRJ). Para isso, foi feito um aterro unindo este arquipélago de oito ilhas. As maiores eram a do Bom Jesus, a do Fundão, a da Sapucaia e a do Catalão. Essas obras de aterramento ocorreram entre 1949 e 1952 e resultaram numa área de 5 milhões e 200 mil m², que viria a ser o campus da Universidade do Brasil. A ilha do Bom Jesus já tinha uma área do Exército, na qual havia até uma vila para os soldados inválidos da guerra do Paraguai e um prédio do Governo Federal que havia sido presídio político. Quando a nossa turma lá chegou em 1962, essa edificação tinha sido adaptada para abrigar a Casa do Estudante da Cidade

Universitária :o nosso Alojamento. O alojamento dispunha de aproximadamente 200 vagas distribuídas em quartos com 5 camas; 2 banheiros por andar; um bar; um salão de jogos com TV; um campo de futebol e um terraço. Quando entramos na Escola, em 1962, foi feita pelo Diretório Acadêmico uma seleção dos candidatos à vaga na Casa do Estudante. Vários dos alunos da ENE 62 foram habilitados, assim como os da Faculdade de Arquitetura, neste caso um ano antes. Observou-se também que vários ocupantes eram oriundos de países da América do Sul (Peru, Bolívia, Paraguai e Equador) que haviam entrado na Escola sem vestibular e ido diretamente ocupar vagas existente no Alojamento sem terem sido selecionados.

No ano de 1963, quando já éramos veteranos, resolvemos organizar a Casa do Estudante da Cidade Universitária. Para isto foi feita uma eleição para Diretoria com a finalidade de criar um estatuto, uma convenção e regras de bom convívio. Um fato que nos preocupava era a vinda indiscriminada de estudantes dos

países já mencionados e que, na maioria, não tinha o menor interesse em assistir às aulas e muito menos em estudar. A finalidade da grande maioria era ter um lugar para se hospedar, fazer as refeições (que eram gratuitas) e a noite passear pela cidade, voltando de madrugada para fazer serenatas e dormir até o meio-dia para o almoço. O número destes estrangeiros já chegava, na ocasião, a quase 35% dos ocupantes da Casa.

Observando que este problema iria se agravar, ainda mais, no ano seguinte, resolvemos através de uma reunião criar uma primeira regra de aproveitamento escolar. Para permanecer na Casa, seria necessária a aprovação em, pelo menos, 3 matérias do currículo. Isso foi colocado em votação e a matéria aprovada em Assembleia, assim como o estatuto e a convenção. As vagas já estavam todas ocupadas naquele ano de 1963. Com esta medida de se exigir um aproveitamento mínimo, conseguiu-se abrir 45 vagas para os novos estudantes que haviam sido aprovados no vestibular de 64 e que necessitariam morar na Casa.

Um processo de seleção dos novos estudantes foi feito e assim conseguiu-se atender à demanda justa dos bons estudantes e estabelecer uma harmonia de convívio saudável. Passou, então, a haver um bom aproveitamento nos estudos e esportes. A ENE chegou a ter um time de futebol que fez a preliminar de um grande clássico no Maracanã, em 1963, com vários jogadores que habitavam o Alojamento. Organizávamos também uma programação social em que, mensalmente, se realizava uma tarde dançante no espaço da recreação, usando uma eletrola com som hi-fi. Para isso, eram convidadas as alunas do Instituto de Educação, Escola Normal Heitor Lyra e Carmela Dutra. O ônibus da Escola ia

pegar as convidadas na Praça das Nações, estas em geral vinham supervisionadas por algumas mães responsáveis pelos grupos. Desses encontros, surgiram vários namoros e até mesmo alguns casamentos. Durante o ano de 1963, quando já estava em vigor a exigência do nível de aproveitamento escolar mínimo para permanecer na Casa, alguns casos problemáticos surgiram. Um colega nosso, amigo de todos, companheiro das peladas vespertinas e das festas dançantes, um bom aluno, havia terminado o namoro após um desentendimento. Com isso, se abateu e se transformou em um estudante desinteressado que passou a ter notas muito baixas. Ficamos preocupados com aquela situação e, então, foi criado um grupo de amigos com a finalidade de lhe dar apoio através de aulas, troca de ideias de forma que ele obtivesse o aproveitamento mínimo estipulado e pudesse continuar na Casa e no nosso convívio. Felizmente, no final do ano, conseguiu a aprovação! Para um outro colega que ficou doente, por um longo tempo, conseguimos os devidos atestados médicos para que permanecesse na Casa. Em 31 de março de 1964, estourou o movimento comandado por militares para depor o governo da época. A nossa situação no Alojamento passou a mudar. Pouco tempo depois de abril de 1964, tivemos a 1ª blitz na Casa do Estudante da UB. Essa “visita” veio comandada por um agente do Dops que todos conheciam: famoso apresentador de TV Murilo Néri, um líder de audiência no horário dele.

A tropa de agentes chegou em um momento em que alguns já haviam saído para as aulas, mas mesmo assim, deteve todos os que estavam no prédio e ordenou que fossem para o salão e ficassem com as mãos para o alto encostados na parede.

Enquanto os agentes abriam os armários, à procura de material subversivo, o chefe da tropa foi para o andar superior tirar um cochilo, provavelmente para se recuperar do programa noturno que apresentara na TV. Ao final da blitz foi apreendido um livro de capa vermelha e listra preta, para exame, e detido um colega nosso de nome Lenin. Nessa época, haviam sido distribuídos pela UNE aos estudantes em geral vários exemplares do tabloide “Novos Rumos” e alguns exemplares do livro “Um Dia na Vida de Brasilino”. Muito desse material se encontrava nas gavetas e armários dos quartos, mas nenhum foi apreendido, assim como encíclicas papais e revistas da Petrobras que causaram desconfiança nos policiais.

Constatou-se que o livro vermelho apreendido, após ser examinado no Dops, se tratava da história do Clube de Regatas do Flamengo. O colega nosso detido, no dia seguinte foi solto pela interferência do Diretor da Faculdade de Arquitetura, Professor Carvalho Neto. Esse livro

vermelho passou a fazer parte do folclore do Alojamento bem como a pergunta que fizeram aos estudantes, após não encontrarem nada: onde estão as armas com que vocês iriam tomar o Galeão? Uma denúncia anônima e falsa havia sido recebida pelo chefe da tropa e, por isso, eles estavam lá fazendo a batida que durou, praticamente, um dia. Neste período, a revolução ainda engatinhava e não havia sido editado o AI5. Naquela época de grandes turbulências e nesse contexto da situação política, a Turma de calouros ENE 62 conseguiu se formar sem nenhuma perda física, ressaltados apenas alguns entraves burocráticos enfrentados por alguns dos colegas nossos, por participarem do Diretório Acadêmico.

Hoje, o antigo prédio que foi a Casa do Estudante da Cidade Universitária abriga a sede da COPPEAD. Compunham a Diretoria da Casa, em 1963, os alunos Paulo Cezar Pinto (Presidente), José Ribamar e João Cabral.

50 ANOS DA CHAPA INDEPENDENTE

A cerimônia de celebração do cinquentenário da CI foi, antes de tudo, um momento de resgate de nossas utopias

Joaquim Bastos (jjmbastos2@gmail.com)

Presidente do DA (gestão 63/64). Em 11/12/2008.

A CHAPA INDEPENDENTE (CI), que representava uma parcela significativa dos alunos na política estudantil no Diretório Acadêmico (DA) da Escola Nacional de Engenharia (ENE) da Universidade do Brasil celebrou em 2008 cinquenta anos de sua fundação, ensejando o presente depoimento.

Antonio Augusto Câmara e Souza, Antonio Pagy, Álvaro Tavares da Cunha Melo, Ariel Paca da Fonseca, Edval Borgli, Heitor Santiago, José Milczewski, Newton Alberto

de Araújo e Sergio Augusto de Moraes fundaram a CHAPA INDEPENDENTE, “movimento que mudou a política do Diretório Acadêmico, unindo o corpo discente em torno da luta pela modernização do ensino da engenharia brasileira e da democracia”, como registrado em placa comemorativa inaugurada no dia 05 de dezembro de 2008, no Largo de São Francisco, prédio que abrigou a ENE, nas instalações da Associação dos Antigos Alunos da

Politécnica (A³P), com o determinado apoio de Heloi José Fernandes Moreira, seu presidente.

Tal celebração foi uma iniciativa necessária e oportuna, um momento de reafirmação da prática política inclusiva que aprendemos a exercitar. Essa prática congregava a diversidade ideológica em torno de princípios, orientada para ações que resultavam na ampla mobilização do corpo discente da Escola.

A CI amalgamava nossas utopias e, assim, nos remetia à reflexão crítica da realidade cotidiana e nos inspirava para a participação ativa nas lutas de afirmação da democracia em torno da defesa dos interesses da vida universitária, da engenharia e do desenvolvimento nacional.

A liderança que o grupo conquistava era fruto de uma militância convicta e pertinaz, que refletia uma mística própria de quem tem um olhar no horizonte para além do seu tempo.

A CI desempenhou, assim, em seu tempo, um papel notável e diferenciado na formação humana da comunidade universitária da Escola, despertando a consciência cidadã para uma responsabilidade social inalienável.

Como credora do êxito de tantas outras lutas estudantis em passado anterior, liderou a luta pela transferência da Escola para novas e mais adequadas instalações, na Ilha do Fundão, que se concretizou em 1962, na gestão Gravatá (61-62) do DA.

Nossa turma de calouros de 62 foi inevitavelmente onerada pelas precárias condições operacionais das instalações da Escola, em meio à escassez de recursos orçamentários, aliadas à inoperância administrativa do Escritório Técnico da Universidade do Brasil, responsável pela condução das obras de implantação do complexo universitário.

Contudo, nossa turma de calouros de 62 teve o privilégio do desafio de dar continuidade a esse projeto de transferência em uma luta cotidiana que, bem articulada por seus representantes (turma A e turma B) e pela Comissão Executiva logo organizada nos primeiros meses, conseguiu dar visibilidade a essa luta e priorizá-la na agenda da Universidade do Brasil e do Ministério da Educação e Cultura.

Ainda no 1º semestre de 62, esse engajamento propiciou nossa compreensão e adesão à campanha da CI pela greve por 1/3 de participação estudantil nos Conselhos das Universidades, liderada pela União Nacional dos Estudantes, no contexto de luta por uma Reforma Universitária. Representava, emblematicamente, a afirmação da responsabilidade política-cidadã do estudante na vida universitária e na vida nacional.

A CI, solidária com a “turma do Fundão”, encampou e priorizou as questões da luta pela Cidade Universitária na campanha que elegeu Paulo Brandão (62-63) com a participação de membros da Comissão Executiva na diretoria eleita.

A chegada dos calouros de 63 turbinou a luta pela Escola na Cidade Universitária, quando a forte presença no DA propiciou a maior identificação dos propósitos dessa luta nos conteúdos programáticos da CI, que se refletiu na eleição da gestão 63-64 do DA alçando para presidente um aluno calouro de 62.

O DA participou da resistência ao movimento militar, que resultou na tomada do poder em 64, promovendo a ocupação das instalações da Escola no Largo de São Francisco, onde reuniu amplo contingente de estudantes de Engenharia e de Arquitetura, já sediados no Fundão, bem como acolheu para esse enfrentamento os

alunos da Escola de Sociologia e Política da PUC – RJ. A interdição do DA face à postura assumida nessa frente de resistência, resultou na articulação de uma estrutura organizacional paralela que possibilitou a continuidade da ação política de protesto em nova fronteira de luta, então não mais oficial. Até hoje, essa experiência vivenciada nos tempos estudantis se vê manifestada na participação dos antigos quadros da CI nos escalões da administração pública, em

agências multilaterais de desenvolvimento, sindicatos, entidades de classe e em tantas outras organizações representativas da sociedade civil nacional organizada.

A cerimônia de celebração do cinquentenário de fundação da CI foi, antes de tudo, um momento de resgate de nossas utopias, fermento necessário para animar nossa ação quotidiana de participação comprometida com o povo brasileiro.

O CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA E A A³P

Continuamos a sonhar na expectativa de pronto resgate do histórico prédio do Largo de São Francisco para sediar a Casa da Engenharia do Brasil

Joaquim Bastos (joaquim.eng@ig.com.br)
Calouro ENE 62. Mecânico

Tudo começou entre tulipas de chopp, doses de Maxicana e fatias de pizza, durante a reunião mensal da turma ENE 66, ocorrida no dia 6 de março de 2012, primeira terça-feira do mês, no “Palácio Rondinella”, em Copacabana. Alguém lembrou que, há 50 anos, estávamos iniciando o nosso curso de Engenharia, inaugurando a instalação da Escola no Campus do Fundão. Cabe dizer que se tratava de um ano emblemático, justificando o necessário registro histórico. Estabelecemos, assim, que o cinquentenário da Escola na Cidade Universitária deveria ocorrer, com toda pompa e circunstância, em Sessão Solene da Egrégia Congregação, e com a nossa participação como turma pioneira.

Para tanto, passamos a discutir como encaminhar o assunto ao Diretor da Escola, professor Ericksson Rocha e Almendra, oportunidade em que foi lembrado, para tal missão, o nome do professor Heloi José Fernandes Moreira, já conhecido de alguns dos presentes, à mesa, pois já fora Presidente do Clube de

Engenharia, Diretor da Escola e, naquela ocasião, dirigia a Associação dos Antigos Alunos da Politécnica – A³P, sediada no prédio do Largo de São Francisco.

Lá mesmo começamos a rascunhar a carta ao Diretor da Escola, apresentando as melhores justificativas, demonstrando a grandiosidade do momento e a necessária e compatível celebração. Como bem relatou o colega Helton Gama de Carvalho, outro colega, o Dirceu Machado Olivé, também ainda membro do corpo docente da Escola, desenhou esse primeiro rascunho ao qual foram agregadas as contribuições de outros tantos colegas, enriquecendo o texto com pormenores e detalhes, todos no interesse de dar maior relevo ao que estava sendo pleiteado. Na ocasião, constituímos uma Comissão Organizadora, aberta, de modo a incluir quantos pudessem colaborar nas diversas tarefas decorrentes à boa efetivação do evento. Elegemos o nome do colega falecido Oduvaldo Siqueira Arnaud para signatário da carta, como representante da turma, resgatando o papel que sempre tão

bem desempenhou ao longo dos dois anos do nosso curso básico.

O professor Heloi Moreira anuiu com muito entusiasmo o nosso pleito em seu nome e em nome da A³P, se dispondo, assim, a intermediar o nosso acesso ao Diretor da Escola. Após consolidado o texto da carta, devidamente assinada, coube ao colega Helton a missão de entregá-la ao professor Ericksson. O resultado foi a pronta aceitação da proposta manifestada pelos calouros de 62, incumbindo, de pronto, ao professor Heloi Moreira a condução do processo administrativo para a realização da Sessão Solene, contemplando uma fala de um aluno calouro de 62, como representante do corpo discente, e a fala de um professor, que houvesse lecionado no curso básico àquela época, como representante do corpo docente, encerrando a sessão com o descerramento de uma placa alusiva ao evento, por outro aluno calouro de 62.

Assim, a nossa Comissão Organizadora também escolheu o calouro de 62 Joaquim José de Mello Bastos, presidente do Diretório Acadêmico (DA) na gestão 63/64, para falar em nome do corpo discente; formulou o convite ao professor Lindolpho de Carvalho Dias para falar em nome do corpo docente e escolheu o calouro de 62 Dirceu Machado Olivé, membro então atual do corpo docente, para descerrar a placa alusiva ao evento. Na reunião mensal da turma no dia 03 de abril, no “Palácio Rondinella”, foi acolhida a sugestão do colega Sérgio Neves Monteiro, presente à mesa, de incluir na programação do evento uma visita à Escola e ao seu entorno, para que a turma pioneira apreciasse o desenvolvimento científico e tecnológico nucleado pela Escola ao longo destes 50 anos. Enfatizou a importância dessa visita para o singular envaidecimento dos pioneiros, calouros de

62. A visita sugerida foi reconfigurada em uma palestra sobre os “50 anos de Engenharia no Fundão”, para ocorrer antes da Sessão Solene, missão essa que o colega Sérgio Neves assumiu desempenhar como palestrante.

Alguns nomes dessa vibrante e mobilizadora Comissão precisam ser mencionados, ainda que certamente esquecendo de incluir outros tantos nomes por lapso de memória, ao que peço seja relevado: Carlos Fernandes Braga, Juvenal Antônio Villela, Atílio de Oliveira Assumpção, Onesild José da Silva, Nancy Alves Tavares, Helton da Gama de Carvalho, João Batista Gurgel Cabral, Simion Arongaus, Gilson Faissal, José Caetano dos Prazeres, Ronaldo Barbosa de Macedo, Jandir de Oliveira Loureiro, José Pines, Oduvaldo Siqueira Arnaud, José Ribamar Castro Gomes, Newson Reis Monteiro, Antônio Augusto Figueiredo Santos, Manoel de Jesus Micaelo e Sérgio Neves Monteiro. Uma significativa reunião agendada para o dia 16 de abril com o professor Heloi, na sede da A³P, teve sua mobilização iniciada desde a reunião mensal do dia 3 de abril. Tratava-se de consolidar a programação dos vários momentos e movimentos dessa grandiosa celebração, posto que receberíamos a confirmação da data de 31 de maio de 2012, às 14h, para a realização da Sessão, antecedida pela palestra supramencionada para as 13h. Eis que isso motivou a participação da plenária da Comissão Organizadora expandida, que abraçou a realização do evento num reviver dos desafios do pioneirismo, que ardentemente nos mobilizava enfrentar com a energia dos vinte anos, agora num rejuvenescimento da maturidade etária.

O pronunciamento do corpo discente foi resultado de uma construção coletiva dos membros da Comissão Organizadora em

reuniões com o relator, o autor deste artigo, muitas delas nas mesas do Amarelinho saboreando algumas tulipas de chopp. A conclusão dessa fala ganhou um tom promissor de engajamento dos calouros de 62 nos projetos da A³P, em decorrência da aproximação que a Comissão Organizadora teve com essa Entidade, permitindo-nos melhor conhecê-la, em tantas reuniões havidas com o professor Heloi Moreira em sua sede.

Repercutiu em nós, calouros de 62, de modo instigante, como uma sinfonia muito familiar ao que protagonizamos nos primeiros anos no Campus do Fundão, perceber a dimensão da importância da A³P, pois que ela opera como coadjuvante estratégica da Escola, membro da Congregação, compromissada com o aperfeiçoamento acadêmico e com a assistência ao desenvolvimento humano e profissional de seus alunos.

Na ocasião, tomamos conhecimento de um empolgante projeto da A³P, o qual agregamos ao capítulo final da fala, qual seja o da reconfiguração do histórico prédio do Largo de São Francisco, que

cumpriu o papel de berço da engenharia brasileira desde a sua construção, abrigando os cursos de engenharia até 1966 quando transferidos para o Campus do Fundão, para sediar a CASA DA ENGENHARIA DO BRASIL, espaço de memória do desenvolvimento nacional dessa área, integrando a vida acadêmica da Escola Politécnica numa perspectiva histórica de construção do capital científico e tecnológico, com a consciência do acervo herdado dos nossos antecessores, em todos os tempos, como elemento mobilizador do legado que vem sendo construído continuamente para as gerações futuras.

Deverá ser um espaço orientado para historiar o passado como referência para apresentar os avanços científicos e tecnológicos já conquistados, as realizações presentes, e discutir a projeção do futuro. Mais que um museu historiográfico, deverá ser um espaço vivo e dinâmico de educação e cultura. Um ponto avançado da POLI UFRJ no centro da cidade do Rio de Janeiro.



Houve um notável esforço mobilizador das turmas calouras de 62 e 63 para marcarem presença no evento, destacando a sua significação e convocando para um novo tempo de colaboração à Escola, desta feita se integrando às atividades da A³P. Tal

proeza foi exitosa, tendo sido fruto da liderança mobilizadora do colega Onesild José da Silva e da forte colaboração dos colegas Helton da Gama Carvalho, Jandir de Oliveira Loureiro, Simion Arongaus, João Batista Gurgel Cabral e José

Caetano dos Prazeres, além de outros mais. Estiveram presentes ao evento 82 dos convidados da turma pioneira de 62 e 11 familiares, além de 14 que justificaram formalmente a ausência.

A mobilização se estendeu aos professores, tendo se destacado a participação da colega Nancy Tavares, que nos garantiu a presença dos mestres Fernando Emmanuel Barata, Jaurès Paulo Feghali e Olavo Cabral Ramos Filho. Os professores Affonso Henriques de Brito e Aimone Camardella, à última hora, na data do evento, notificaram que estariam ausentes por motivo de saúde.

A nossa Comissão Organizadora operou em apoio ao professor Heloi desde a confecção da placa alusiva ao acontecimento, para a qual se destacou a cooperação do colega João Batista Gurgel Cabral, até a assistência na distribuição de 33 convites ao evento, expedidos pelo Diretor da Escola, que abrangeu: a Reitoria da UFRJ (1), as Escolas sediadas no Campus do Fundão (6), os Departamentos da Escola Politécnica (12), as Entidades dos alunos da Escola Politécnica (2), as Instituições sediadas no Campus do Fundão (5), outras Entidades ligadas à UFRJ (3) e outras entidades ligadas à Engenharia (4).

A coordenação do deslocamento dos calouros de 62 ao Fundão esteve sob a liderança dos já citados colegas liderados pelo colega Onesild nesse outro desafio. Considerando que o primeiro evento ocorreria às 13h, foi oferecido um “*brunch*” no Clube de Engenharia, local de onde partiria o ônibus que realizaria o traslado, momento esse de muita animação, com diversas manifestações associadas à celebração e aos saudosos tempos vividos no Fundão.

Os eventos ocorreram conforme programados. Às 13h, na sala 220 do

Bloco D, ocorreu uma bela palestra do colega Sérgio Neves que nos fez visitar a Escola e o seu entorno, apoiado por um *datashow* projetando imagens em ampla tela, e assim apreciar o desenvolvimento acadêmico, científico e tecnológico, em departamentos da Escola e em instituições de pesquisa por ela nucleadas, para muito envaidecer a turma pioneira, desbravadora do Campus do Fundão. Às 14h, a Sessão Solene da Egrégia Congregação foi iniciada e presidida pelo professor Ericksson Rocha e Almendra, Diretor da Escola em uma mesa diretora que contou com a presença do professor Eduardo Gonçalves Serra, Vice-diretor da Escola, do professor Heloi Moreira, Presidente da A³P, do professor Lindolpho de Carvalho Dias, representando o corpo docente que ministrou aulas nos primeiros anos da Escola no Fundão, do engenheiro Joaquim José de Mello Bastos, representando o corpo discente da turma pioneira no Campus do Fundão e da senhora Lais Blanck Drischen, secretária do evento.

Aberta a sessão pelo professor Ericksson, logo ocorreu o pronunciamento do calouro de 62 Joaquim Bastos, representante da turma pioneira, seguido do discurso do professor Lindolpho como representante do corpo docente que havia compartilhado com os alunos as agruras dos primeiros anos no Fundão. A sessão foi encerrada com a fala do calouro de 62 Dirceu ao descerrar a placa comemorativa, disposta em cavalete ao lado da mesa diretora da referida Sessão Solene.

Marcaram presença no evento, por convite da Comissão Organizadora, Roberto Crivano Machado, Vice-presidente do DA na gestão 61/62, e Paulo Cezar Guimarães Brandão, Presidente do DA na gestão 62/63, que receberam os merecidos créditos, no pronunciamento do representante dos discentes, pelo

engajamento daquelas diretorias no apoio ao coletivo de alunos para a superação das dificuldades que enfrentávamos nos primeiros anos de transferência dos cursos para o Campus do Fundão.

Um coquetel após o evento foi oferecido pela direção da Escola, o qual foi aditivado com um ponto de degustação para uma variedade de sabores e odores da aguardente Maxicana, oferecida pelo colega Antônio Augusto, fabricante desse precioso produto. Foram momentos de efusiva celebração que perduraram por algumas horas!

O reconhecimento da importância estratégica da A³P justificou a programação de outra solenidade, desta feita na sede da A³P, em 07 de agosto de 2012, às 16h, para o registro histórico da celebração dos cinquenta anos da Escola no Fundão, testemunhado pela turma pioneira, a dos calouros de 62.

Em breve cerimônia, mas igualmente ritualizada, houve a palavra do professor Heloi Moreira, Presidente da A³P, seguida de pronunciamento do professor Aimone Camardella, Presidente do Conselho Diretor da A³P e nosso mestre de Física I, após o que houve a palavra do representante dos calouros de 62, o autor deste artigo, evidenciando o papel estratégico da A³P, junto à POLI UFRJ, e a disposição da nossa turma, pioneira no Fundão, em participar, com a mesma determinação d'outrora, na efetivação de seus propósitos e desafios. A cerimônia foi concluída com o descerramento da placa comemorativa do evento pelo Presidente de Honra da A³P, Leizer Lerner, ato compartilhado com o representante dos calouros de 62.

Estiveram presentes nesse evento, 26 colegas da turma pioneira, além de dois convidados especiais: o professor Lindolpho de Carvalho Dias, que nos

lecionou a disciplina Mecânica Racional, e o SEAERJ, representado por seu Presidente Eduardo Konig, em reverência aos muitos anos que aquela entidade nos acolhia para a celebração festiva dos encontros anuais da nossa turma, no primeiro sábado do mês de dezembro.

Com a associação de 27 calouros de 62 ficou assim consolidado o reconhecimento da A³P como nosso espaço de cooperação institucional à POLI UFRJ, em favor da formação integral do profissional que ela deve bem qualificar, para o firme enfrentamento dos instigantes desafios do desenvolvimento da sociedade brasileira. Assim, quando houve a renovação do terço do Conselho Diretor da A³P, em 4 de abril de 2013, as cinco vagas existentes foram preenchidas por ex-alunos da turma pioneira do Fundão: Paulo Cézar Pinto, José Caetano dos Prazeres, Joaquim José de Mello Bastos, João Batista Gurgel Cabral e Dirceu Machado Olivé. À época, nosso colega José Pines assumiu o cargo de Vice-Diretor Administrativo, então vacante. Gilson Faissal, Simion Arongaus e Manuel de Jesus Micaelo, se mobilizaram para participar de um programa orientado à ministrar conteúdos temáticos, de reconhecido interesse para a formação humana e profissional dos graduandos, complementando a formação acadêmica regular, em articulação com a Diretoria Adjunta de Ensino e Cultura (DAEC). Os representantes da turma pioneira do Fundão, alguns dos quais cooperando como membros do Conselho Diretor, continuam presentes no esforço de perenização da A³P, o que implica atuar nas três frentes de ações permanentes e estruturantes estabelecidas no Plano de Ações Estratégicas, aprovado em 14 de maio de 2013, em reunião conjunta da Diretoria e Conselho Diretor: aperfeiçoamento da formação acadêmica

integral dos alunos da POLI UFRJ; fortalecimento institucional da A³P; e a implantação do projeto CASA DA ENGENHARIA DO BRASIL.

A magnitude do significado que representará a implantação do projeto

CASA DA ENGENHARIA DO BRASIL para tão virtuosa aplicação à educação e à cultura, aos cuidados da POLI UFRJ, nos mantém ativos pelo resgate do histórico e simbólico prédio, para efetivar essa destinação.

O PRIMO IRMÃO

Só passo pelo Túnel Velho se for de carro e, assim mesmo, carregando a Nhá Chica

Augusto Sergio Bastos (asbastos43@hotmail.com)

Calouro ENE-62. Metalúrgico

O primo mais velho levou para o túmulo a imagem de Nhá Chica, de quem era devoto. O mais novo recebeu os cumprimentos, agradeceu a oferta de companhia e carona. Aguardou que todos os parentes e amigos se retirassem, e dirigiu-se ao portão principal. Já passava das cinco horas da tarde. O sol ainda brilhava; calor insuportável. O Cemitério São João Batista, em Botafogo, estava vazio.

Caminhou lentamente até o Túnel Velho que liga o bairro a Copacabana, onde nasceu e ainda mora. Não conseguia deixar de pensar em Moisés, não o profeta, mas o primo irmão que acabara de ser enterrado e que tanto admirava. Invejava o fervor que ele demonstrava ao abraçar as causas que lhe eram simpáticas. O seu modo de se expressar, sempre preocupado em transmitir com exatidão o que queria falar. Moisés fazia questão dos termos precisos: “José, você não é meu primo irmão, a bem dizer, é meu primo cruzado patrilateral, filho da irmã do meu pai”. Gostava de usar a expressão “a bem dizer”, dar conselhos e proteger o primo. Moravam juntos há mais de 30 anos.

José ia perdido nas curvas da memória, quando deu conta de que nunca havia feito aquele percurso a pé. Percebeu estar no meio do túnel com mais dois ou três

passantes apressados, mas não havia barulho de carros. O silêncio profundo, como o do Cemitério, o incomodava. De repente, tiros, gritaria, sirene de polícia. Jogou-se ao chão e pediu proteção à Nhá Chica. Quando se levantou, ileso, já era o silêncio. Dois bandidos mortos, um pedestre e um policial feridos. Só então se lembrou de mais uma advertência do falecido:

— Só passo pelo Túnel Velho se for de carro e, assim mesmo, carregando a Nhá Chica. Não quero ser vítima de assalto ou bala perdida. Você sabe que não sou de dar mole pra bandido.

Mas deu. Ontem, na Linha Vermelha, no tiroteio entre duas facções do tráfico de drogas, foi baleado mortalmente. Não estava com a imagem de sua maior devoção.

A devoção por Nhá Chica começou no dia 17 de junho de 1998, numa viagem que fizeram a São João Del Rei, Minas Gerais; mais precisamente, como gostava Moisés, ao distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno. Uma viagem longa, mas a dupla estava acostumada. Foram no carro de Moisés; José nem dirigir sabia. O objetivo era conseguir peças para a loja de antiguidades que tinham no Shopping dos Antiquários, em Copacabana. Visitaram várias fazendas e fizeram boas compras:

quadros antigos, objetos de prata e cerâmica, um oratório do século XVIII em perfeito estado e outras peças.

No caminho de volta para a pensão onde estavam alojados, entraram numa lojinha de artesanato e se depararam com uma pequena imagem, medindo uns quinze centímetros de altura. Sentiram um calafrio ao tocarem na “santinha” de terracota. Alguma coisa acontecera. Nunca tinham ouvido seu nome, mas logo ficaram sabendo a história. Era a Nhá Chica. Ela nascera exatamente ali naquela casa, em 1808. Motivo de orgulho da cidade, aos que criam, ela atendia a todos os pedidos e curava os enfermos.

Nhá Chica, Francisca de Paula de Jesus, analfabeta, filha de escrava, mudou-se, ainda criança, para Baependi, outro município mineiro, não muito longe de Santo Antônio. Nessa cidade, morreu no dia 14 de junho de 1895, sendo sepultada somente no dia 18, no interior da capela por ela construída. Sem recursos, contou sempre com doações e esmolas. Essa capela, após várias reformas, é hoje o Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Ainda em vida, Nhá Chica passou a ser aclamada pelo povo como “a Santa de Baependi”, por sua fé e clarividência.

Conta a lenda, que durante os quatro dias do velório as pessoas que ali estiveram sentiram exalar-se de seu corpo um misterioso perfume de rosas. Os primos não tiveram mais dúvida: compraram a imagem, que não era antiguidade, mas um objeto de devoção.

Souberam então que no dia seguinte, 103 anos depois do sepultamento, o corpo da futura Beata seria exumado. Para a cerimônia, sem a presença de público, eram esperadas Autoridades Eclesiásticas e membros do Tribunal Eclesiástico pela Causa de Beatificação de Nhá Chica. Não

pensaram duas vezes; no dia seguinte, bem cedo, foram para Baependi. Rapidamente, deixaram as malas e as peças adquiridas no primeiro hotelzinho que encontraram e, levando apenas a imagem da “santinha”, foram para a Igreja, onde se apresentaram como observadores enviados pela Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, ideia sugerida por José, e inicialmente rejeitada por Moisés: “Não, não somos meliantes, não podemos agir assim. E se formos descobertos?”.

Ao que o primo mais novo retrucou: “E você, sabichão, tem uma ideia melhor?” Não tinha, e para encerrar a discórdia sentenciou: “Concordo, mas, a bem dizer, acho que não vai dar certo”. Mas deu. Não foram questionados e tiveram a oportunidade de presenciar a repetição do milagre: o perfume de rosas se fez sentir durante toda a exumação.

Voltando de Minas Gerais, a vida nunca mais foi a mesma. Deram conta de que o apego às coisas materiais, dali em diante, estaria em segundo plano. Ambos solteiros, filhos únicos e órfãos passaram a dedicar grande afeto à futura Beata, oficialmente reconhecida pela Igreja em 2013. Moisés muito mais do que José. A imagem ficava sempre com Moisés. No único dia em que saiu de casa sem ela, foi baleado na Linha Vermelha.

Anualmente, faziam uma peregrinação a Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno e traziam novidades. Moisés mais entusiasmado. O outro, sempre tentando uma explicação científica para cada novo milagre que lhes era relatado, logo recebia uma advertência: “Não creia apenas aquilo que a razão explica”. E logo complementada, em tom professoral: “Não me olhe com essa cara de gozação. Usei “aquilo” em vez de “naquilo” porque é o correto. O uso que dei ao verbo crer é ‘ter por certo’, ‘dar como verdadeiro’”.

A canonização era dada como certa por Moisés. José levantava questões que colocavam em dúvida este próximo passo. Muitas vezes chegaram a discutir feio por este motivo, mas José sabia como encerrar o entreviro lançando mão de alguma piada e pronto, abraçavam-se e caíam na risada.

Essas lembranças faziam parte das reflexões diárias de José e agora tomavam conta do seu pensamento. Acabara de enterrar seu maior amigo, o mais devoto da “santinha”, assassinado com uma bala perdida e ele salvando-se milagrosamente num outro tiroteio. Uma ponta de remorso levou-o a decidir que na próxima viagem a Santo Antônio, iria comprar uma imagem da Nhá Chica. Seguiria o último conselho do primo, que já no leito de morte do hospital, lhe disse em tom de despedida: “Mantenha o senso de humor, mas não perca sua fé”.

E continuou a caminhar lentamente, carregando a dupla ausência, a da Nhá Chica e a de Moisés. Já próximo de casa, parou em frente à loja do McDonald’s da Rua Hilário de Gouveia. Suava bastante; o calor continuava forte. Lembrou-se das tantas vezes que davam uma paradinha

para tomar sorvete, sempre entremeadas com lições e divergências. O falecido nunca perdia a oportunidade de se mostrar preciso nas observações e repetia: “Esta é a loja mais antiga do McDonald’s no Brasil. A bem dizer, foi a primeira a ser inaugurada na América do Sul”. E ele ficava bravo quando o primo respondia: “E daí”. Pronto.

Começava a discussão, sempre levada para o lado da gozação. O mesmo acontecia quando iam escolher o sabor. Moisés só tomava de chocolate (“feito de amêndoas de cacau torradas, fruto já cultivado pelos astecas, que lhe deram o nome e...”). José, por gosto ou só para contrariar, escolhia o de creme. Mas hoje, a saudade era grande. Saudade das lições e, por que não, das alegres “brigas”.

Na hora de fazer o pedido, ficou em dúvida: creme ou chocolate? Decidiu, como sempre: “Um de creme”. Mas antes que fosse servido, pela primeira vez, mudou de ideia: “Não, não, quero um misto”. E, deixando o atendente atônito, prestou uma última homenagem ao primo irmão: “A bem dizer, por favor, um misto escrito com ‘s’”.

A ATA COMENTADA

Falei poucas palavras apenas quando estritamente solicitado. Mas no mudo do meu microfone pude dar boas risadas e ouvir pequenos trechos de uma vida de histórias

Raquel Mattoso (raquelmattoso@poli.ufrj.br)

EE-UFRJ, 2015

Uma explicação do coeditor: esta é como se fosse uma ata da reunião que foi convocada para analisar o desenvolvimento da tarefa que estamos cumprindo: editar um Boletim sobre a ENE-62/66,67. A criatividade da Raquel, de imediato, nos recomendou incluir este texto entre os que estamos publicando. Ela, a Raquel, é voluntária, através da A³P, para nos ajudar e compreendeu, de imediato, o espírito da turma e a ela entregamos este agradecimento supra geracional. Muito obrigado Raquel, especialmente pela paciência.

Como eu não perco uma oportunidade de me envolver em projetos totalmente paralelos ao meu doutorado, me ofereci

para ajudar na criação de um boletim sobre a transição da turma de engenharia da UFRJ do Largo de São Francisco para o

então recém-inaugurado Fundão. Poucos sabem, mas tenho Minerva entre as engrenagens da poli eternizadas em minha pele. Então, é possível imaginar o amor que tenho por essa Universidade e pela Escola Politécnica, apesar disso, tenho que reconhecer minha imensa ignorância a respeito dos seus mais de 200 anos de história.

Mas isso, reconheço, pouco importa porque o assunto é outro. Através da Associação dos Antigos Alunos da Poli fiquei sabendo desse boletim e de imediato me interessei. Afinal, como é de conhecimento de muita gente, eu gosto de escrever e fazer parte de uma edição que contaria casos sobre uma parte tão importante da história da minha querida UFRJ, me incluía mais que dentro dessa. Confesso que parafraseando Onesild: “me senti um pouco assustada” com os planos ambiciosos de Paulo Cezar.

Porque eram de fato ambiciosos e precisei de algum tempo não apenas para conseguir respondê-lo de forma ideal como também para pensar em como eu poderia ajudar nesse processo. Afinal, eu tinha me oferecido e estava realmente animada com toda a história. Paulo Cezar é a cabeça por trás de todo esse boletim e ele tem tudo muito planejado, roteiros inteiros, o que eu realmente admiro. Nada como um cronograma para me fazer feliz! Após alguns emails entrei num grupo de WhatsApp com os autores das passagens que farão parte do boletim. Muitas vezes me senti perdida nas trocas de mensagem, vejam bem, eu não vivi nada do que eles viveram: mudança de campus, contexto histórico e tudo o mais. Eu não faço ideia de quem são os personagens que carregam as histórias. Eu só habitei o alojamento e o mesmo prédio que esses engenheiros da turma de 66. Nunca estive na antiga escola de engenharia.

Sou apenas e não mais do que uma espectadora. Dei uma ou outra sugestão bem pontual, diria até que inúteis. Porém, o que eu quero falar nesse texto que estou escrevendo às pressas porque tem uma introdução de um artigo que me aguarda, é que hoje, segunda-feira, ocorreu uma reunião para ser discutido o prazo final para a criação do Boletim.

Paulo Cezar mandou a agenda do que seria discutido na reunião, é claro. E eu fico com o coração quentinho porque essa sou eu, a que faz lista do que deve ser falado e faz planejamentos do que deve ser cumprido. Estavam na reunião Paulo Cezar, Onesild e Joaquim. Heloi, que foi o condutor para que eu tivesse acesso a todos os outros, também estava na reunião remota.

Heloi foi meu professor na elétrica. Heloi falou no discurso de formatura da minha mania de mexer no cabelo, mania essa que me assola nos momentos de ansiedade, mas isso é outra conversa. Heloi e eu fomos meros observadores na reunião. Nessa situação na qual me coloquei, me vejo como espectadora. Logo eu que brigo pra falar nas conversas com amigos e quero sempre relatar o que aconteceu eu mesma... fiquei em silêncio. Falei poucas palavras apenas quando estritamente solicitado. Mas no mudo do meu microfone pude dar boas risadas e ouvir pequenos trechos de uma vida de histórias. Claro que não me lembro dos casos e relatos que eles discutiram entre eles e sobre quem deveria/poderia/conseguiria/aceitaria escrever o que era falado. Mas me marcou o papel de cada um dos três nessa reunião. Paulo Cezar se esforçando para que a reunião cumprisse o seu propósito e que não ultrapassasse o tempo que ele havia combinado com Tarcísio – o responsável pela reunião no zoom.

Adendo sobre isso, no grupo a reunião foi marcada e depois passou para um novo dia porque seria quando Tarcísio poderia abrir a reunião. No meu ímpeto cheguei a digitar no grupo a pergunta: “Não é só abrir uma reunião no meet e pronto?” Mas apaguei e não quis interferir no que já estava decido e fazia tanto sentido para eles. Novamente, eu sou espectadora.

Paulo Cezar várias vezes chamou os demais a realidade e pontuou o que ainda precisava ser feito, o que já tinha sido feito e que aquela conversa paralela era para outro momento. Joaquim falava com saudosismo sobre as histórias, mostrando e pontuando que todas eram importantes. Cabe aqui comentar que Joaquim escreveu vários dos textos que estarão no Boletim. O próprio entusiasta.

Não foi difícil me enxergar nele e em toda sua vontade de falar, contar e interromper os demais para concluir seu pensamento. Joaquim citou inúmeros nomes de pessoas que podiam ajudar a escrever, que deveriam escrever porque tudo foi um relato de suas próprias vidas. E eu concordo com ele, óbvio. Eu crio personagens baseados nas minhas várias facetas, por que perderia a oportunidade de falar sobre histórias que me aconteceram? Histórias que eu chorei de rir quando ocorreram, histórias que me fazem rir até hoje. E eles riram e eu ri também.

Para eles uma lembrança e para mim um relato novo. Onesild cortou Joaquim algumas vezes para dizer que ele estava sonhando se achava que fulano e cicrano iam escrever o que quer que fosse. Que as pessoas não eram mais as mesmas. Contou sobre alguém ter tomado cinco comprimidos de Rivotril para estar num almoço com os demais. Parece que o próprio Onesild brigou com esse alguém.

Do nada, ele pegou um telefone fixo e ligou para um terceiro. Com quem teve uma conversa bastante informal sobre participar da reunião na qual estávamos.

Tudo isso se deu de súbito. Como ouvimos as falas de Onesild ao telefone, depois ele apenas comentou que o terceiro não podia participar da reunião pois usava um celular da empresa. E bem, essa também não sou eu? A que quer resolver tudo na hora e joga na mesa as verdades que precisam ser ditas. E seguimos. Saímos da reunião com prazos e propósitos. Tenho certeza de que PC dormirá satisfeito hoje por ter cumprido a sua agenda.

Joaquim e Onesild saíram com coisas para escrever e pessoas para procurar. Pessoas que talvez conversem com eles e relembrem de fatos que sejam interessantes para colocar no que falta desse Boletim ou para encher as páginas dos próximos. Um dos três (não me lembro qual, minha memória recente não anda mais a mesma) me marcou ao dizer que – não sei se foram essas as exatas palavras – “não sei mais se as lembranças são fatos ou ficção.” Gosto de pensar que temos muitos pontos de vistas da nossa própria vida e que se o que lembramos nos faz bem, que seja essa a realidade, mesmo que tenha uma pitada de invenção.

Eu saí da reunião com sorriso, com o coração quente, com os olhos cheios de lágrimas questionando se daqui cinquenta anos terei contato com colegas de faculdade a troco de bater papo sobre nossos pouco mais de cinco anos de faculdade de engenharia, quiçá escrever relatos sobre nossas vivências. Esse projeto me alegra de verdade. E apesar da minha ínfima contribuição eu fico extremamente grata por poder vivenciar isso.

Petrópolis, 31 de maio de 2021.

BRAVOS DA ILHA, OU MELHOR, DESBRAVADORES DA ILHA

A³P: é a sua Escola permanecendo em você

Heloi Moreira (heloi@poli.ufrj.br)

Presidente da A³P, junho de 2021.

Feliz a ideia de alguns integrantes da turma de 1966 de elaborarem um boletim especial da A³P dedicado ao tempo em que eram alunos da Escola Nacional de Engenharia, entre 1962 e 1966. Essa é mais uma turma que muito tem a contar sobre a história da atual Escola Politécnica da UFRJ. Em particular porque ela foi a primeira turma a ir estudar na Cidade Universitária e, em consequência, lá realizarem aquilo que foi tão sonhado durante o vestibular, cursar o primeiro ano de engenharia na ENE da UB, no longínquo ano de 1962.

Se até hoje podemos afirmar que as instalações da UFRJ na Ilha do Fundão não foram concluídas, não é difícil imaginar os tempos heroicos que esses estudantes ali vivenciaram. Obras ainda em andamento, ausência de qualquer infraestrutura básica, como a de simples bebedouros, sem qualquer sinalização localizando salas e blocos, laboratórios praticamente inexistentes, sistema de transportes extremamente precário (tanto interno quanto externo), enfim tudo o que se pode pensar em difíceis aspectos para um ensino regular.

Os relatos de alguns deles deixam claro as imensas barreiras: - “para se tomar um cafezinho, era preciso andar até o prédio da arquitetura!”; - “bandejão? Só existia um, no prédio da arquitetura e demorava-se mais de 45 minutos para ‘encher’ a bandeja”; - “era mais fácil ouvir o barulho da obra do que o que o professor falava!” Os problemas eram tão intensos que a antiga TV Tupi chegou a apresentar, em junho de 1963, no programa semanal

“Noite de Gala”, um documentário pelo apresentado por Flávio Cavalcanti intitulado os “Bravos da Ilha”.

E muito mais fatos que esse boletim especial apontará. Não se pode deixar de mencionar que exatamente no início do terceiro ano eclodiu o golpe militar de 64, trazendo toda uma perseguição aos insatisfeitos estudantes, apesar das suas justas reivindicações. Ou seja, além dos problemas específicos de uma Cidade Universitária inacabada, todo um contexto político-social em âmbito nacional abalava aqueles novos estudantes. Segundo o dizer de Joaquim Bastos, um dos mais ativos personagens da turma, todo esse espectro de problemas criou, entre eles, uma forte “conjugação cósmica”!

E foi exatamente em novembro de 1962 que surgiu o Boletim nº 1 da A³P, sob a orientação de José Felício Haddad, nosso associado, formado em mecânica turma de 1961. Nesse boletim a A³P demonstrava a sua preocupação com o que estava ocorrendo com essa turma. Textualmente, assim deixou registrado: *“A Turma Pioneira do 1º ano vem sofrendo as deficiências naturais de uma escola inacabada. Está sendo atacado com prioridade o problema da alimentação dos alunos e funcionários. Um restaurante capaz de atender 2.000 pessoas surgirá entre os prédios da ENE e da FNA (arquitetura)”,* o que não ocorreu. E prosseguiu: *“Atualmente é utilizado, precariamente, o restaurante dessa Faculdade (arquitetura) [...] De importância capital é o problema do transporte. A Ponte Oswaldo Cruz reduzirá consideravelmente*

o percurso e o tempo de acesso à Ilha, incentivando a criação de linhas de ônibus diretamente às escolas, solução definitiva desse problema. Uma extremidade em Mangueiras e a outra bem defronte à ENE – eis a Ponte “Oswaldo Cruz”, pela qual nossa associação vem trabalhando, com sucesso absoluto”.

Ao longo do tempo, turmas e antigos alunos têm registrado o seu tempo de Escola. São depoimentos diversos, publicados em jornais ou revistas, ou mesmo em livros. Só no recente livro Memórias da Escola Politécnica II, publicado pela A³P em 2019 pode-se ler, por exemplo: “Breve história de 1967/1971: uma turma singular” – por Claudio Furtado de Mendonça, “Algumas memórias de minha graduação em engenharia elétrica UFRJ Turma 2017” – por Felipe Novaes Francis Dicler, “Uma visão dos cursos básicos e de mecânica em equipamentos e sistemas Turma 1971” – por Heitor Godinho, “Sonho Politécnico: 1964-1968” – por Israel Blajberg, “Lembranças da ENE

dos anos 1960” – por Luiz Pereira Calôba, “Os calouros (em 1966)” – por Miguel Fernández y Fernandez. Além desses registros, o livro contém muitos outros depoimentos sobre professores e fatos ocorridos na Escola.

No entanto, deve-se ressaltar a iniciativa de Eduardo Jorge Araújo da Silva, Turma 1961, que editou em 2015, com a participação de alguns colegas das turmas de 60, 62 e 63, o livro “A ENE era assim...” Assim, nele ficaram registradas as impressões e sentimentos dos alunos de uma das últimas turmas que estudaram no magnífico prédio do Largo de São Francisco de Paula, o Berço da Engenharia Nacional.

Que este seja o primeiro de muitos outros boletins especiais da A³P, temáticos de turmas da Escola Politécnica. Parabéns a turma de 62-66.

Nota dos Editores: Heloi Moreira é um incentivador, promotor e presidente da A³P. É Professor da Escola e foi seu Diretor e ex-presidente do Clube de Engenharia.

SAUDADES DOS COLEGAS QUE SE FORAM

Dos editores: PC Pinto (ENE-62-66) e Raquel Mattoso (EE-UFRJ, 2015)

Este sim é um tema difícil de lidar, pois as perdas sempre são complicadas e nos demandam energia para enfrentar e suportar as lacunas deixadas. Temos que usar as nossas reservas afetivas e, por princípio, registrar essas perdas, pois é nosso dever homenageá-los. Os colegas Helton e Onesild vêm mantendo uma lista com nomes e especialidades, mas faltam outros dados. Vamos publicar neste Boletim a lista, afinal eles fazem parte da nossa história.

ADHERBAL ADAMO DE MELO
AGILSON RODRIGUES BARONI
ALBERTO DA SILVA MARTINS
ALBERTO FIGUEIREDO

A todos eles a nossa homenagem, o nosso carinho e o nosso pensamento voltado para suas famílias que tiveram que suportar momentos muito difíceis. Quando um ente querido nos deixa muitos sonhos são interrompidos.

Aqui publicamos a lista e cada nome nela contido detém muita vida, muita história. Cabe recordá-los pelas boas obras que deixaram, pelos bons momentos vividos conosco e com suas famílias.

MECÂNICO
MECÂNICO
MECÂNICO
CIVIL

ALBERTO JOSE RIEDLINGER
 ALBERTO PEDRO S. CARVALHO
 ALDIR FRANÇA RODRIGUES
 ALEXANDRE CESAR PIRES DE CARVALHO
 AMBROSINO SERPA COUTINHO
 AMMELETO SOCCI FILHO
 AMOS SANTOS DE FREITAS
 ANDRE STEFAN TOKARSKI
 ANTÔNIO AUGUSTO DE SOUZA
 ANTONIO AUGUSTO FIGUEIREDO SANTOS
 ANTONIO MARTINS FILHO
 ARUY MAROTTA
 ARY FIGUEIREDO DE MEDEIROS
 BERNARDO LEMOS
 CARLOS HENRIQUE ESPIRITO SANTO CARDOSO
 CARLOS SEVCIUC
 CESAR AUGUSTO ROBERTSON SCHMITZ
 CEZAR RESENDE MAGALHAES
 CID MATHEUS
 CLAUDIO RENATO REZENDE PAIVA
 DAVID RODRIGUES DE OLIVEIRA
 DIRCEU ROBERTO TRINCA
 EDMUNDO ANTONIO DIAS NETO
 EDMUNDO LUIZ BRANDÃO BISSÁGIO
 ESTEVAO LEITAO DE CARVALHO BUSTAMENTE -
 FLAVIO ASSAIFE
 FLAVIO JOPPERT DE MOURA
 FRANCISCO ALVES DE ABRANTES
 GASTAO DE OLIVEIRA GONCALVES
 GERALDO LASMAR MANSSOUR
 GERALDO PEREIRA GUARÇONI
 IVAN ABRAMO PIES
 IVAN SALOMÃO PINTO
 JAIME JOSE DA SILVA
 JOAO EMILIO PENA
 JOAQUIM DA CUNHA RODRIGUES
 JOSÉ ANTONIO CHAGAS
 JOSE LACERDA SOARES
 JOSE SETIMO BORGES
 JUSTINO BORGES PINHEIRO
 LUIZ ALBERTO COSTA THEVENET
 LUIZ CARLOS CARNEIRO LEÃO
 LUIZ ADOLPHO GONÇALVES DA ROCHA (PAULISTA)
 LUIZ CARLOS MARTINS
 LUIZ FERNANDO DA SILVEIRA MONTEIRO
 MARCIO GUIMARAES DA CUNHA
 MARIO JUSTO
 MARIO PEDRO PAOLINO
 MAUROS CAMPELLO QUEIROZ
 NAZARIO ERNESTO SANTOS DIAS
 ODUVALDO SIQUEIRA ARNAUD
 OSCAR ARLINDO CARVALHO DE OLIVEIRA
 PAULO CESAR SOARES DE CARVALHO



CIVIL
 MECÂNICO
 ELETRICISTA
 METALÚRGICO
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 CIVIL
 ELETRICISTA
 METAÚRGICO
 ELETRÔNICO
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 ELETRICISTA
 ELETRÔNICO
 NAVAL
 ELETRICISTA
 ELETRÔNICO
 MECÂNICO
 METALÚRGICO
 ELETRÔNICO
 CIVIL
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 CIVIL
 ELETRÔNICO
 NAVAL
 CIVIL
 ELETRÔNICO
 MECÂNICO
 MECÂNICO

 ELETICISTA
 METALÚRGISTA
 MECÂNICO
 MECÂNICO
 CIVIL
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 ELETRICISTA
 MECÂNICO
 CIVIL
 MECÂNICO
 MECÂNICO
 ELETRÔNICO
 METALÚRGISTA
 MECÂNICO
 ELETRÔNICO
 MECÂNICO
 MECÂNICO
 MECÂNICO
 CIVIL

ROBERTO ADUAN
ROBERTO CORREIA PICANÇO
RODOLFO FRANZEN
ROGERIO DAMIANO DE SOUZA
RONALDO LUIS FERNANDES DA ROCHA
RONALDO (BAIANO) BARBOSA MACEDO
RUDOLF RODL PRANZL
SALVADOR ALBERTO SCARAMBONE
SERGIO BARBOSA DE MOURA
SERGIO DOMINGOS T. BLOOMFIELD
SERGIO GONCALVES MATHIAS -
SERGIO LUIZ PINTO GUEDES
TADATSUGU SHIBUYA
WILSON ARAUJO BORGNETH
ZEFERINO MARTINS DE OLIVEIRA
ZELIO SALOMAO KOPELMAN

ELETRÔNICO
MECÂNICO
MECÂNICO
MECÂNICO
ELETRICISTA
ELETRÔNICO
CIVIL
CIVIL
ELETRICISTA
NAVAL
ELETRÔNICO
MECÂNICO
MECÂNICO
MECÂNICO
CIVIL
ELETRICISTA

AGRADECIMENTOS E MAIS

Dos editores: PC Pinto (ENE-62-66) e Raquel Mattoso (EE-UFRJ, 2015)

Este boletim especial teve como objetivo trazer relatos e textos de antigos alunos da Escola Nacional de Engenharia e da Escola Politécnica. Os editores agradecem a todos que se dispuseram a escrever, contar e participar de alguma forma deste boletim. Os relatos aqui expostos misturam informações oficiais e momentos históricos do Brasil com histórias pessoais dos autores e de seus companheiros de escola – amigos de vida. É certo que todos que passaram pelos corredores do Largo de São Francisco ou do Fundão tem suas próprias memórias de eventos ocorridos, por isso, caso queira compartilhar conosco seu relato, entre em contato. Para quem quiser maiores informações sobre a história da Escola Politécnica e

seus quase 230 anos pode acessar o site oficial www.poli.ufrj.br e saber detalhes da trajetória da instituição. Também por lá pode ter acesso a notícias sempre atualizadas. Além disso existem dois livros Memórias da Escola Politécnica e o Memórias da Escola Politécnica II. O primeiro é de autoria do professor Paulo Pardal, lançado em 1984; e o segundo é a junção de 71 trabalhos de 56 egressos da poli. A união dos livros retrata histórias dos docentes da instituição no século XX. Além disso, fica localizado no Centro de Tecnologia, o Museu da Escola Politécnica que é aberto à visitação e possui em seu acervo mais de 600 itens relacionados a ciência e tecnologia nacionais.

Participe, registre a sua história em futuros Boletins da A³P. Através delas construiremos a nossa memória conjunta. Nesta edição, alcançamos contribuições escritas de 13 colegas, mas, seguramente, poderemos alcançar muito mais, caso você se motive e escreva.

Às vezes, escrever dói, mas é libertador. É difícil, mas é motivador. Assim ficamos, ao concluir.



A³P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA
ESCOLA POLYTECHNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA –
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ-ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 192 – 29 de junho de 21
Av. Rio Branco, 124/21º andar – Centro – Rio de Janeiro
Tel: (21) 98876-0098 ou (21) 3938-7435 ou 7436

Site: www.a3p.poli.ufrj.br



@A3Politecnica e-mail: a3p@poli.ufrj.br

DIRETORIA: (mandato 2021 – 2024)

Presidente: Heloi José Fernandes Moreira

1º Vice Presidente: José Paulo Soares de Azevedo

2º Vice Presidente: Bruno de Freitas Siqueira Sadock Menna Barreto

Diretor Administrativo: Léo Fabiano Baur Reis

Diretor 1º Tesoureiro: Eduardo Linhares Qualharini

Diretor 2º Tesoureiro: Fernando Artur Brasil Danziger

Diretor Técnico Cultural: Paulo Roberto Paiva de Mello

Diretor Social: Helton Gama de Carvalho

CONSELHO FISCAL: (mandato 2021 – 2024)

Affonso Augusto Canedo Netto

Bernardo Griner

Sérgio Hampshire de Carvalho Santos

CONSELHO DIRETOR:

Mandato até 2022: Atílio Oliveira Assumpção, Cesar Drucker, Joaquim José de Mello Bastos, Jose Pines, Paulo Cezar Pinto.

Mandato até 2023: Abilio Borges, Eduardo Pacheco Jordão, Jacob Wainer, Luis Felipe Pupe de Miranda, Paulo José Poggi da Silva Pereira.

Mandato até 2024: Cleófas Paes de Santiago, Israel Blajberg, João Fernando Guimarães Tourinho, Wilhelm Brada.

Membros natos do Conselho Diretor:

EX-Presidentes Fernando Emmanuel Barata e Flavio Miguez de Mello, Diretor da Escola Politécnica e Presidentes da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros, do Clube de Engenharia e do Centro Acadêmico da Escola Politécnica.

A³P – BOLETIM OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

Edição: Paulo Cezar Pinto (pintopc@terra.com.br) e Raquel Mattoso (raquelmattoso@poli.ufrj.br)

Diagramação: Raquel Mattoso

Distribuição Interna